

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

ANTONIO GOMES FERREIRA
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - A biotecnologia em saúde no Brasil

Entrevistado – Antonio Gomes Pinto Ferreira (AG)

Entrevistadoras – Wanda Hamilton (WH) e Simone Kropf (SK)

Data – 24/07/1996 e 09/10/1996

Local – Rio de Janeiro/RJ

Duração – 2h33min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

FERREIRA, Antonio Gomes Pinto. *Antonio Gomes Ferreira. Entrevista de história oral concedida ao projeto A biotecnologia em saúde no Brasil*, 1996. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 50p.

Resenha biográfica

Nasceu em 1963, na cidade do Rio de Janeiro. Graduiu-se em química, em 1990, pela UERJ. Especializou-se em microbiologia pela Fundação Técnica Educacional Souza Marques, em 1993, concluiu mestrado profissional em Tecnologia de Imunobiológicos pelo Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos – Bio-Manguinhos/Fiocruz, em 2005 e o doutorado em Biociências e Biotecnologia na Fiocruz, em 2016. É vinculado, desde 1986, ao Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos – Bio-Manguinhos/Fiocruz, onde atuou como gerente do Programa de Desenvolvimento Tecnológico de Reativos para Diagnóstico.

Sumário

Fita 1

Origem familiar; a escolha da carreira; a aprovação no vestibular para o curso de Química na UFRJ e o posterior trancamento do curso; o curso de Biologia Parasitária do IOC; o estágio no Departamento de Imunologia do IOC chefiado por Bernardo Galvão; o trabalho desenvolvido com Vera Bongertz; considerações sobre a importância do curso de graduação para seguir carreira na Fiocruz; o contrato para trabalhar no projeto institucional de Aids, em 1985; o trabalho com Helio Gelli Pereira visando ao desenvolvimento de reativos para diagnóstico de Aids; o envolvimento de Bio-Manguinhos no projeto de desenvolvimento do kit para teste de HIV e sua transferência para o setor de reativos da unidade; a contratação efetiva por Bio-Manguinhos; a padronização da imunofluorescência para HIV.

Fita 2

O trabalho com Otávio Oliva no desenvolvimento e na produção de reativos para diagnóstico; considerações sobre o mercado de reagentes para diagnóstico e o papel de Bio-Manguinhos nesse mercado; o mercado de produção de reagentes para diagnóstico de Aids e o kit produzido por Bio-Manguinhos.

Fita 3

A crise do laboratório de desenvolvimento e produção de reativos; o convite de Otávio Oliva para chefiar o setor de reativos; o convenio com a Fundação Nacional de Saúde para fornecimento de reativos; o crescimento da pauta de produtos e de pessoal do laboratório; as colaborações com laboratórios do IOC para o desenvolvimento de reativos; os problemas enfrentados pelo setor; o incêndio no setor de reativos e a perda de espaço físico; o processo de incorporação de novos produtos à pauta de produção do laboratório; a dificuldade de adequar o kit para diagnóstico da doença de Chagas desenvolvido por Samuel Goldenberg; as dificuldades de capacitação de pessoal na área; as colaborações com empresas internacionais e com o IOC; o tipo de formação universitária do pessoal do laboratório de reativos.

Fita 4

O investimento em capacitação de pessoal; a organização do trabalho no laboratório; considerações sobre as exigências do controle e a garantia de qualidade e o crescimento desse setor; comentários sobre o patenteamento de produtos.

Data: 24/07/1996

Fita 1 - Lado A

WH - Bom, vamos começar. Hoje, dia 24 de julho de 1996, entrevista com Antônio Gomes Pinto Ferreira, o Toninho, aqui da área do laboratório de Kit de diagnóstico de Bio-Manguinhos. Toninho, para a gente começar, você podia contar um pouco para a gente qual foi a graduação que você fez. Em que carreira você se formou e como é que você optou por essa carreira? Onde você nasceu? Para você nos falar um pouquinho onde você nasceu e como é que você acabou caindo nessa carreira.

AG – Ok. Então, eu nasci aqui mesmo no Rio de Janeiro, em 1963, e desde pequeno... Quer dizer, eu tinha muita atração, eu sempre gostei muito da área de laboratórios porque, desde pequeno a minha vontade era ganhar os brinquedos tipo laboratório de química, etc, essa coisa toda.

WH – Você ganhava? Fazia aquelas experiências?

AG – Ganhava, ganhava e, realmente, aproveitava bastante, realmente era muito divertido, era muito bom. Então, desde pequeno eu tive uma tendência a esse tipo de trabalho na área de laboratório. Eu sempre me fascinei por isso. Não sei explicar bem como, mas isso sempre me fascinou bastante, a área de laboratório. Então, a minha formação até nível médio sempre foi buscando me aproximar dessa área. Tanto que eu fiz um curso técnico de química num colégio privado, que não era escola técnica. Infelizmente, meus pais não me deram uma orientação adequada, mesmo porque não sabiam. São pessoas muito simples.

WH – Seu pai faz o que? Qual a profissão dele?

AG – Nem meu pai nem minha mãe tinham curso superior. Meu pai trabalhava como caixa da Companhia de Transportes Coletivos, da antiga CTC e a minha mãe sempre foi funcionária administrativa, dentro do serviço público, dentro do INAMPS.

WH – Sua mãe trabalhava também.

AG – Trabalhava também, mas sempre assim, um pouco bastante simples. Então, eles não tinham uma visão muito adequada de qual era o melhor curso, mas sempre tentaram me dar uma formação a melhor possível. Muito se esforçaram para pagar um colégio particular para mim, na época, considerado um bom colégio.

WH – Qual era o colégio?

AG – Sociedade Santa Edwiges em Jacarepaguá, e que na época, conciliava o curso técnico de química ao segundo grau. Foi muito interessante o curso, apesar de não ser o melhor na área, nada disso, mas, de qualquer forma serviu para consolidar a vontade que eu tinha de trabalhar nessa área de laboratório e, ao mesmo tempo, me dar possibilidades para me candidatar a fazer um curso nessa área.

WH – Você falava do seu curso técnico. Que curso técnico era esse?

AG – Curso técnico de química.

WH – É onde? Quem oferecia?

AG – Lá na Sociedade Universitária de Santa Edwiges.

WH – No próprio colégio.

AG – É, o próprio colégio.

WH – Era um curso de nível médio.

AG – Um curso de segundo grau, mas que te dava um profissionalizante.

WH – Porque na época tinha. Hoje não tem mais profissionalizante, não é isso?

AG – Exatamente. Em alguns colégios ainda existe, mas realmente ficou meio em desuso.

WH – Mas na época era obrigatório.

AG – É verdade. Na época era obrigatório, mas pouquíssimos colégios davam cursos na área tecnológica. Por exemplo, química eram muito poucos, eletrônica eram muito poucos. A maioria fazia administração, essas coisas que não exigem laboratório, não exigem nada disso.

WH – Não existiam técnicos em laboratórios, patologias clínicas.

AG – Foi legal isso aí, mas eram poucos os colégios que davam esse tipo de formação e dos colégios públicos, só mesmo as escolas técnicas, porque nenhum outro dava esse tipo. Só mesmo a escola técnica de química que dava esse tipo de formação em química. Os outros colégios só faziam mesmo secretariado, normal ou administração. Bom, então, o que aconteceu foi que, saindo desse curso do segundo grau, eu prestei vestibular sem maiores preparações para isso e acabei não passando por uma quantidade de pontos muito pequena.

WH – Você fez vestibular para química?

AG – Fiz para química. Bom, depois disso, durante esse ano seguinte, já que eu não tinha passado no vestibular, entrei para um cursinho de pré-vestibular, que foi o Miguel Couto. Foi a única época na minha vida que estudei de verdade, porque até então eu não sabia o que era estudar em casa. Era uma coisa assim complicada, porque... Complicada não, porque para mim era muito simples. Eu não precisava estudar, acompanhava, levava o curso sem maiores problemas. Raríssimas vezes precisava ir a um livro para estudar, para poder fazer as provas e passar. Sempre fui um aluno com excelentes notas e excelente desempenho no colégio. O fato de não ter passado no vestibular me levou a fazer esse cursinho de pré-vestibular e, nessa época, realmente, eu estudava muito. Eu aprendi o que era estudar.

WH – Você trabalhava?

AG – Não, não trabalhava.

WH – Só se dedicou...

AG – Saí com o intuito de realmente estudar para poder passar no vestibular.

WH – Você tinha um título nesse curso técnico, não é?

AG – Sim, curso técnico.

WH – Você nunca pensou em já começar a trabalhar nessa área? Se aproximar do laboratório...

AG – Claro que pensei, mas na época eu não tinha nem 18 anos ainda e a possibilidade de fazer concursos e coisas assim não eram possíveis. Por exemplo, para trabalhar como técnico em química ou auxiliar-técnico em química tem que ter 18 anos, não tem jeito. Porque é uma atividade que envolve algum risco, e se não consegue, não adianta, é muito difícil. Apesar de ter até pessoas conhecidas, não consegui nenhum estágio, nada disso. Então continuei estudando, fazendo pré-vestibular e, na época, foi muito bom, porque, um pouco antes de prestar vestibular, por acaso, foi bastante por acaso realmente... Na verdade, vale a pena até contar porque é uma história interessante e engraçada. Na época do cursinho pré-vestibular, eu estava paquerando uma das meninas do cursinho e, de repente, ela surgiu com essa coisa de fazer uma prova para a Fundação Oswaldo Cruz, para um curso técnico na Fundação Oswaldo Cruz. Eu sempre passava em frente à Fundação Oswaldo Cruz, mas nem sabia o que se fazia aqui dentro, não tinha realmente nenhuma noção. Até como forma de me aproximar dessa menina, eu vim fazer aqui a inscrição para o curso. Era o curso técnico de Biologia parasitária, aqui na Fundação e que aconteceu exatamente num mesmo período em que eu fiz a prova de vestibular. Nessa época eu estudava muito, tinha um conhecimento amplo de todas essas áreas de segundo grau, porque realmente estudei um bocadinho e, por coincidência, passei primeiro para a UFF e depois passei na reclassificação para a Universidade Federal do Rio de Janeiro, para a UFRJ. Foi muito interessante. Passei também para esse curso técnico da Fundação Oswaldo Cruz. Bom, o fato de ter entrado aqui já foi uma coisa assim um pouco mágica.

SK – Esse curso era oferecido...

AG – Ainda é oferecido, só que agora é de dois em dois anos. É um curso a nível técnico, de nível médio e que é dado lá na Medicina Tropical, lá embaixo no pavilhão de cursos.

WH – É do IOC, não é?

AG - Do IOC. Dr. Henry era o coordenador na época, Dr. Henry Wilcox. Diga-se de passagem...

WH – Que ano era isso?

AG – Isso era em 1982 já. Quer dizer, em 81, na verdade 1981, porque eu fiz a prova em 81 e comecei a cursar aqui, o curso técnico em 82. Porque o que aconteceu foi que eu fiz opção pelo curso técnico aqui na fundação, por quê? É aquilo que eu estava tentando começar a colocar. É uma coisa meio mágica, porque quando a gente entra aqui, e foi muito interessante porque eu passei em 3º lugar nessa prova, foram mais de 200 candidatos.

WH – Aonde isso?

AG – Aqui, na Fundação Oswaldo Cruz...

WH – Porque você tem o vestibular também, agora você está falando daqui.

AG – Eu fiz os dois em paralelo, passei nos dois, sendo que...

WH – Aqui tinha uma prova de seleção?

AG – Tinha, uma prova de seleção, tinham mais de 200 pessoas aqui que vieram concorrer essas provas e foi muito interessante, porque a Fundação, além de ter essa coisa mágica que eu estava querendo dizer, ela me dava uma possibilidade mais imediata de me aproximar do laboratório. Rapidamente, eu ia ter um curso dentro de um laboratório. Claro, a consequência era trabalhar imediatamente na área, dentro da área, tudo isso. Apesar de não ser a parte de química, que era a coisa que eu sempre vi. Quer dizer, que eu sempre até fiz os cursos e tal, mas era laboratório, era uma coisa muito interessante e era aqui dentro. Eu comecei a me envolver de tal forma...

WH – Você falou que a Fundação tinha uma coisa mágica. Que coisa mágica era essa?

AG – A Fundação é engraçada. Eu não sei se vocês têm essa mesma relação, vocês que são mais de uma área que não é tanto finalística, de laboratório. Mas a Fundação é uma coisa assim muito atraente para quem é dessa área, porque, talvez pelo alcance social que ela tenha nas suas atividades, talvez pelo envolvimento dessa parte biomédica, talvez por ela ter assim uma certa vanguarda na atuação ou no trabalho de ciência, é uma coisa muito interessante.

WH – Isso é uma coisa que na época você já tinha como...

AG – De imediato. A partir que você vem para cá, já se envolve com essas coisas todas. Porque foi um processo de seleção. Eu tive que vir aqui umas seis ou sete vezes e vim, e convivendo com as pessoas. Quem me selecionou foram os pesquisadores. A gente conversava sobre as coisas. Nós mesmos, entre os candidatos, conversávamos como é que seria, como é que se davam as coisas, e tudo isso. Era muito interessante, a história do curso técnico em si é muito interessante que vale a pena resgatar num outro momento.

WH – Acho bom você contar pelo menos qual era o conteúdo, para que lado você foi se direcionando?

AG – Bom, então está certo.

WH – Porque você veio de química, não é?

AG – Bom, só para fechar para a gente entrar nessa parte da Fundação. Eu tive a possibilidade de trancar a universidade, a UFRJ dava essa possibilidade apesar de não ter cursado nada. Só pelo fato de ter me matriculado na UFRJ já me dava o direito de trancar aquela matrícula durante até quatro anos.

WH – Química, aí é química que você fez vestibular?

AG – Em química, exatamente. Então, pôxa, aqui na Fundação eu não tinha essa possibilidade. Então, o que fiz? Eu tranquei antes de cursar a universidade. Eu já tranquei lá a matrícula. Eu me matriculei, tranquei e vim para cá para fazer esse curso técnico. Esse curso técnico era uma coisa muito bacana porque - agora nem tanto - mas na época era a segunda turma desse curso técnico de biologia parasitária.

WH – Ah, era um curso novo então, na época.

AG – Era um curso novo, era o segundo ano dele. Era um curso muito interessante que tinha como objetivo ocupar, ou melhor, criar massa de trabalho que pudesse apoiar os projetos da Fundação Oswaldo Cruz. Porque, naquela época, já tinha uma carência grande de pessoal técnico especializado. Então, veja bem, tinha o interesse de todas as áreas dentro da Fundação Oswaldo Cruz para que se tivesse um bom curso. Fora isso o Dr. Henry era uma pessoa extremamente carismática, uma pessoa que foi realmente muito importante nesse processo. Uma pessoa que tinha grande experiência e um carisma muito grande para lidar com as pessoas e implementar treinamentos e cursos. Bom, ele conseguiu que todas as pessoas, os maiores expoentes em todas as áreas da Fundação Oswaldo Cruz fossem nossos professores. Apesar de ser um curso de nível médio, em nenhuma universidade no Brasil a gente ia ter um curso como esse aqui. Nenhuma universidade.

SK – Cite algumas para a gente...

AG – Poxa, Dr. Hermann Schatzmayr na época. Todos os chefes de departamento tinham um compromisso grande, porque eles tinham interesse em depois receber essas pessoas formadas. Então nós tivemos cursos de bacteriologia, virologia, entomologia, parasitologia, protozoologia, análises clínicas, introdução ao laboratório, biotério.

WH – Era um panorama geral das ciências biomédicas, você diria?

AG – Era um panorama geral. Mas apesar de ser geral, com um aprofundamento extremamente grande. Cada aluno desse curso, que tinha em média de 16 a 20 anos por ano, tinha a sua bancada. Você tinha um microscópio só para você. Você tinha todo um equipamento de laboratório só para você. Você estudava dentro de um laboratório que tinha todos os equipamentos básicos. Então era um curso, e ainda é hoje talvez com menos importância, inigualável. Talvez um modelo mais interessante, porque você se envolvia e mergulhava naquele curso de uma forma muito grande, muito grande realmente. Propiciava uma formação geral em todas as áreas de microbiologia e laboratório em geral. Quer dizer, até hoje, com toda a experiência que já acumulei, não consigo imaginar um modelo melhor, um modelo que tivesse dado resultados tão bons como esse.

WH – Esse curso durava quanto tempo?

AG – Durava um ano inteiro.

WH – Ele era por matérias não é?

AG – É, por disciplinas. Então, ele durava nove meses direto em laboratório, mas com a relação teoria e prática de uma forma muito inteirada mesmo, muito junta e com todos os *bambambans* de todas as áreas que vinham nos dar aula. Então, era maravilhoso. Por outro lado, a turma também mergulhava de tal maneira nessa coisa, porque era um *feedback* grande. Você realmente tinha ali um ambiente extremamente profícuo para formação do pessoal. Todas as pessoas desses cursos, realmente, ficaram extremamente bem formadas e hoje ocupam algumas posições importantes dentro da Fundação. Deram realmente respostas assim a toda prova.

WH – Essas pessoas, a maioria acabava sendo aproveitada aqui.

AG – Ao longo dos anos elas acabaram sendo aproveitadas dentro da própria Fundação Oswaldo Cruz. Pouquíssimas foram as exceções que hoje estão na UFRJ, procuraram fazer outras coisas, mas quase todo mundo está aqui hoje na Fundação.

WH – Esse pessoal, seus colegas desse curso, eles estavam fazendo graduação também ou eram de nível técnico mesmo?

AG – Tinha alguns deles... Não, a maioria...

WH – Ou era gente que estava pensando... Porque você entrou pensando já em fazer uma graduação. Quer dizer, nessa área de laboratório você tem o pessoal de nível médio e você tem o pessoal pretende uma formação.

AG – Mas eram poucos, porque a seleção foi extremamente boa. Foram quase 200 pessoas fazendo esse concurso, essa seleção e ficaram 20 só. Então, quer dizer, foi muito boa. O pessoal com um nível muito bom já foi selecionado. Tinha muitas pessoas que já cursavam a universidade, tinham outras que, como no meu caso, passaram e outras que em seguida fizeram um concurso de vestibular e passaram também. Acho que hoje, talvez todas essas pessoas, não sei se todas, mas acho que a maior parte realmente tem hoje um curso universitário, tem a sua graduação e continuam trabalhando dentro da área. Mas eu dizia o seguinte, que aí depois desse curso, que era de nove meses, dentro de um aspecto geral, você fazia um estágio obrigatório de três meses e dependendo da sua colocação durante o curso, você fazia a opção pelos laboratórios ou pelos departamentos da Fundação Oswaldo Cruz. Cada departamento dos que davam os cursos, tinha uma ou duas vagas, dependendo do seu envolvimento e da sua possibilidade de absorção também. As pessoas iam escolhendo de acordo com a sua colocação, o seu lugar. Bom, eu fiz um bom curso, eu fui um dos melhores colocados também e tive a possibilidade de escolher e escolhi o departamento de imunologia da Fundação Oswaldo Cruz, do Instituto Oswaldo Cruz. A partir de 83, comecei a trabalhar dentro do departamento de imunologia. Primeiro com estágio obrigatório que era de três meses e, depois, com estágio opcional que era por mais nove meses para completar um ano e você então ter o título de técnico.

WH – Quer dizer, você então tinha matérias, durante praticamente um ano e depois um estágio de um ano. Isso tinha alguma bolsa?

AG – Sim, sem dúvida nenhuma, esse curso também se preocupou inclusive a esse ponto. Nós tínhamos uma bolsa que era muito interessante na época. Era um bom salário, uma boa bolsa, talvez em torno de dois salários mínimos, se não me engano. O salário mínimo hoje é uma porcaria, mas na época era uma coisa interessante.

WH – Uma porcaria também?

AG – Não, era melhor do que é hoje, era bem melhor.

WH – Era uma porcaria melhor?

AG – Eu sei que com dois salários mínimos naquela época, poxa, a gente estudava muito bem. A gente se divertia, tinha lazer, tinha várias coisas. Ainda tinha almoço aqui dentro, tinha outros benefícios, alguma coisa assim. Não! Só almoço.

WH – Aí você tinha bolsa nesses dois anos praticamente do curso.

AG – Tivemos durante todo esse período.

WH – A Fundação é que dava essa bolsa?

AG – A Fundação bancava essa ajuda de custo para a gente, o que foi muito bom. A gente vivia disso sim! Algumas pessoas que estavam fazendo curso tinham família e bancavam a sua família com esse recurso, com esse dinheiro. Tinham outros que pagavam as suas universidades com esse dinheiro e tudo isso. Era muito bom, realmente era muito bom.

WH – Pois é, e você falava que você entrou para imunologia em 83. Você fez o curso em 82.

AG – Imunologia, em primeiro de janeiro de 83. Em 83 estava já trabalhando no laboratório.

WH – Por que você escolheu imunologia?

AG – Eu estudei, quer dizer, durante o curso...

WH – Se aproximou de algum professor, como é que foi?

AG – Não, não era professor, eram metodologias mesmo. Durante o curso você tem todas as disciplinas e você se identificava mais com as metodologias, com o trabalho do laboratório. E a imunologia é muito fascinante, realmente é muito fascinante. Quer dizer, cada qual vai ter afinidade com cada uma das áreas, é óbvio. Mas imunologia e virologia, para mim, ficaram muito marcadas. Dentro dessas que eu gostei, tive a oportunidade de ir para a imunologia. Se eu não me engano até - eu não me recordo bem agora - a vaga que tinha para virologia... Foi, exatamente. A vaga que tinha para virologia... Não sei agora se já tinha sido ocupada. Eu tinha essas duas opções. Essas eram as que eu queria

realmente e acabei escolhendo a imunologia. Agora, sinceramente não me lembro bem, dentro dessas duas, o que me levou a escolher a imunologia. Mas fui fazer, estudei imunologia. Até hoje, poxa, dou graças a Deus de ter caído na imunologia, porque, realmente tive uma permanência da imunologia muito interessante, muito importante para mim. Eu tive uma formação, porque a imunologia é a base de tudo dentro da microbiologia. Você tendo um bom conhecimento de imunologia, realmente, poxa, qualquer outra área da microbiologia já vai te dar ferramenta entendeu? E você passa a entender um pouco mais das coisas. Em outras áreas talvez, também, mas na imunologia é muito presente o porquê das coisas. Então você acaba sendo aquele chato que sempre está perguntando: mas por quê? Mas por quê? Porque você está sempre tendo que olhar. Quer dizer, você está tendo que olhar mais profundamente o que está acontecendo, o fenômeno que está acontecendo na tua frente. Eu vou dar um exemplo prático. Quando você faz qualquer ensaio, por exemplo, de virologia, em geral, são ensaios imunológicos. Se você não tem a visão da imunologia, você não entende bem o que está acontecendo. Lógico, você sabe o que deu resultado, etc, mas você não passa do limite da reação em si. E quando você... Graças a esse treinamento, a esse trabalho, a essa coisa que eu fui aprendendo dentro da imunologia... Quer dizer, você aprende a olhar mais profundamente as coisas e saber o que está acontecendo por trás daquela reação. Foi muito bom! Por outro lado, eu também me dedicava muito mesmo, muito, realmente, saltava um pouco aos olhos, porque você se... Quer dizer, é um pouco da pessoa também, e um pouco do ambiente. Eu trabalhava todos os dias até nove horas da noite. Era um dos primeiros a chegar, porque realmente era uma coisa muito boa. Eu tinha muita sede de aprender mesmo, de me envolver com cada vez mais e mais coisas. Foi muito interessante.

WH – Agora, deixa eu te fazer uma pergunta, Toninho. Você está falando que foi para a imunologia. Que tipo de trabalho você fazia? Como é que você se incorporou nesse trabalho e com quem você teve oportunidade de trabalhar?

AG – Está certo. Bom, dentro da imunologia também era um ambiente muito interessante, porque você... Qualquer estagiário naquela época da imunologia..., O chefe do departamento de imunologia, naquela época, era o Dr. Bernardo Galvão Castro, que hoje é um expoente da ciência, principalmente nacional, mas internacional também. É uma pessoa extremamente carismática. Eu acho que tive muita sorte no encaminhamento profissional, porque realmente... Foi muito bom realmente, foi muito interessante. O Galvão foi uma dessas pessoas. Dentro do departamento de imunologia, criava um ambiente extremamente bom, positivo para desenvolvimento profissional de cada um, estudar para caramba, fazer curso, fazer mestrado, fazer doutorado, iniciação científica, etc. Em todos os níveis ele dava possibilidade. Era um departamento jovem, era um departamento novo.

WH – Ele era uma pessoa nova, não é?

AG - Ele era uma pessoa extremamente dinâmica também, com todo gás, entendeu? E que, poxa, entendia, tinha uma visão moderna de como devem ser as coisas, que as coisas devem ser bastante participativas, envolvendo as pessoas realmente> Todos os estagiários que chegavam à imunologia, em primeiro lugar, passavam uma ou duas semanas em cada um dos laboratórios para também ter a visão geral de todas as áreas dentro do departamento. Então, foi muito interessante porque a gente passava por todas as áreas. A gente começava sempre... E eu acho que isso é muito importante, sempre começar por

uma parte básica, em que a gente exercita a nossa humildade, exercita a nossa habilidade manual, a gente começa a ter responsabilidade com as coisas. A gente começava sempre fazendo lavagem de material, preparo de material, ou seja, servindo um pouco de suporte para as outras pessoas e entendendo o quanto que aquilo é importante, porque, sem essa parte o cara, na ponta da linha não está fazendo nada. Então, como todo mundo... É uma coisa até que eu trouxe como exemplo e hoje exercito isso no laboratório que eu coordeno. Todos os estagiários passam por uma fase em que eles fazem essa parte básica do laboratório, independente do seu título. É importante isso para que a pessoa baixe um pouco a bola dela e entenda que isso é um conjunto de coisas, um conjunto de pessoas, todas elas, cada um com a sua função. É óbvio, mas todas elas com a sua importância e são um elo da cadeia e ninguém consegue fazer nada se o básico não estiver sendo bem feito. Bom, a gente passou por essa parte, passei por uma parte de imunologia celular, passei por uma parte de patologia. Sempre, lógico, não estou querendo aqui... Quer dizer, dando um enfoque assim técnico, eu era um técnico.

WH – Já havia essa clareza na tua iniciação dentro do laboratório de imunologia?

AG – Não tenha dúvida.

WH – Havia pessoas que eram técnicas e esse lado que se desenvolveria era o lado técnico?

AG – Sim, mas lá existia a possibilidade de desenvolvimento a nível técnico. É interessante isso, porque, hoje em dia as pessoas não entendem bem isso não.

WH – Claro, é isso que eu estou perguntando, exatamente isso.

AG - Hoje em dia as pessoas não entendem bem isso, não. Elas pensam que o técnico é aquele cara que tem que fazer aquele dia-a-dia e não é verdade isso. Um técnico deveria ser a pessoa que está sempre buscando modificar a seu nível naquilo que está em volta de si. Nessa época a gente vivia muito bem isso. Então, depois de um ano... Um ano não, menos até, depois de uns seis meses que eu tinha passado por todos os laboratórios da imunologia, eu acabei indo trabalhar com o José Antônio Pinto Sá Ferreira que hoje é um chefe de uma área dentro do INCQS. Depois tive a oportunidade de voltar a trabalhar com ele em Bio-Manguinhos, mas isso é uma outra história. Nessa época, ele fazia mestrado no departamento de imunologia. Tive a oportunidade de trabalhar um pouco com ele, aprendi bastante coisa com ele e depois acabei trabalhando com a Dra Vera Bongertz, uma virologista assim...

WH – Como é o nome dela?

AG – Vera Bongertz. Ela tem origem alemã, apesar de ser brasileira. Trabalha até hoje lá na imunologia.

WH – Imunologia lá no IOC.

AG – Lá no IOC. É uma pessoa que eu devo muito, porque eu aprendi demais com ela. É uma pessoa brilhante, brilhante realmente. Trabalha muito. Nós acabamos fazendo uma

dupla muito boa, porque trabalhávamos bastante e, realmente, conseguimos muita coisa juntos em termos de trabalho. Foi muito bacana realmente. Chegou a um certo ponto...

WH – Vocês faziam o que?

AG – A gente trabalhou na área de imunológica. Na verdade, logo um pouquinho depois... A gente trabalhava com caracterização, isolamento de antígenos e anticorpos. Sempre envolvendo principalmente doença de Chagas e leishmaniose, ou seja, *T cruzi* e *Leishmânia*. Então tinha muitas coisas.

WH – Faziam um trabalho comparativo entre Chagas e leishmaniose?

AG – Não, não, não. Tinham vários projetos em Chagas e vários projetos e *leishmânia*.

WH – Ah, coisas separadas.

AG – É. E logo, logo assim, um pouco depois, apesar de nem ter cursado... Eu não sei se o CNPq sabe bem disso, mas, apesar de nem ter cursado muito, uns seis meses depois... de não ter cursado muito não, nem estava cursando de fato a universidade, a gente já...

SK – Até então não tinha reaberto matrícula.

AG – Não, não, ainda não.

WH – Reabriu, você fez o curso?

AG – Depois sim.

SK – Depois, mas até esse momento...

AG - Mas até esse momento não. Uns seis meses depois o meu desenvolvimento no laboratório era bastante bom, e o departamento solicitou uma bolsa de iniciação científica para mim pelo CNPq. Porque, nessa época, a bolsa da Fundação Oswaldo Cruz já não era grande coisa. Inclusive porque congelou. No início era bom, mas depois ficou ruim de inflação e tudo isso e, na época, realmente precisava um pouco mais de dinheiro para poder ficar. Não estava dando realmente. Então, a gente buscou e tivemos a possibilidade de, em 84, eu já era bolsista do CNPq de iniciação científica. Já tinha um projeto meu sob a orientação da Vera, foi muito interessante.

SK – Mas aí você já estava na faculdade?

AG – É. Eu reabri.

SK – Teve que reabrir matrícula para conseguir...

AG – Eu na verdade, eu reabri e a partir de 84...

Fita 1 - Lado B

WH – Mas você dizia da bolsa de iniciação.

AG – Pois é, em 84 eu reabri a faculdade só que a minha prioridade era a Fundação Oswaldo Cruz. Era o meu trabalho aqui, principalmente agora, que eu tinha um projeto. Fora as coisas todas que eu trabalhava ainda com a Vera, apoiava-a em todos os projetos dela. Realmente fazia tudo a nível técnico para ela. A gente, realmente, fazia uma dupla ótima. E tinha também o meu projetinho, o meu projeto que eu tocava e tal. Para mim era uma coisa muito importante. Eram as análises antigênicas de alguns clones de *T. cruzi*. É um projeto que não deu muito resultado, eu só comprovei de fato alguns dados que existiam na literatura, mas que não foi muito... Mas para mim foi muito importante porque eu tive contato com um monte de metodologias que até hoje utilizo. Eu tive que de fato tocar o projeto de uma forma mais ou menos independente não é? As coisas passavam muito por mim mesmo, foi muito importante. Enfim, foi muito importante para a minha formação.

WH – É uma área que você trabalha até hoje, essa área de antígeno.

AG – Sem dúvida, antígeno, anticorpos e caracterização, e química de proteínas essa coisa toda.

WH – Esse projeto que você estava era um projeto mais para você conhecer técnicas. Você já tinha em vista...

AG – Na verdade é, na verdade é. Na verdade era um projeto mais para que realmente dominasse as metodologias que eram de ponta na época. Eram realmente importantes, era o que estava acontecendo.

WH – Porque a gente não é dessa área Toninho, a gente é formada em História, Sociologia, então você fala em algumas técnicas, metodologias. Que metodologias você utilizava? Talvez você pudesse explicar um pouquinho mais.

AG – Cromatografias em fase líquida é uma coisa que até hoje se utiliza. Claro que existem muitas variações e mudanças e aperfeiçoamentos durante anos. Lógico. Mas essa era uma coisa mais ou menos nova na época. Poxa, a caracterização antigênica, as eletroforeses em gel de poliacrilamida era uma coisa relativamente nova.

WH - Gel de quê?

AG – Gel de poliacrilamida. Em gel de acrílico, só que em vez de ser um acrílico duro como vocês estão acostumados a ver, é um gel em que proteínas se separam ali por uma série de características. Bom, tinha muitas coisas que eram interessantes ali. Um departamento novo, jovem, mas muito bem conceituado, com bons pesquisadores, excelentes pesquisadores. Então, a gente tinha realmente muita possibilidade de aprender coisas assim de ponta realmente. Então, naquela época, o enfoque principal era esse, não tinha assim... Naquela época eu não tinha maturidade de ‘poxa, isso aqui vai ser útil para isso’. A gente tinha aquela visão geral. Se estivesse trabalhando em doença de Chagas de alguma maneira, a gente estava contribuindo para minimizar o efeito que tem essa doença e tal. Mas não tinha, não podia ter essa clareza de que isso podia ser utilizado exatamente como ou aonde de tal forma, não era assim.

SK – Durante esse estágio, você falou, você estava como técnico. Mas ao longo disso você já começou a perceber que isso poderia te levar para a bancada mesmo?

AG – É... Não, eu trabalhava na bancada só que a gente começa a ver que a gente tinha... Quer dizer, a gente vê logo as pessoas que tem condições de realmente se desenvolver e partir para uma outra área ou não. Bom, depois disso então, esse estágio foi continuando, mas foi uma época muito difícil dentro da Fundação, em que os estágios não tinham remuneração, em que era difícil conseguir bolsas, não tinha muito fomento para pesquisas, não tinha nada disso. Foi uma época muito complicada para a Fundação, eu acho, essa época de 85, por aí, 1985. Bom, nesse meio tempo, eu já fazia faculdade, está certo, mas só que, primeiro eu fazia aqui. A minha prioridade era aqui. Então eu fazia lá na faculdade alguns créditos para dizer que estava na faculdade, para justificar a bolsa que eu tinha do CNPq, mas, realmente, era aqui que eu trabalhava e tal.

WH – Deixa eu te perguntar: você tinha essa visão, tinha essa orientação das pessoas com quem você trabalhava de que era bom, de que você teria que fazer faculdade?

AG – Ah, não tenha dúvida, era fundamental.

WH – Enfim, que você tinha que seguir um caminho dentro da fundação ou não existia essa visão, de que era necessário ou não, você pode se desenvolver como técnico e seguir carreira?

AG – Não, eram muito claras, na época, algumas coisas. Primeiro que eu era uma pessoa extremamente importante para o desenvolvimento daquele trabalho, ou seja, para a Vera, para o laboratório, para o departamento. Eu era uma pessoa importante, ou seja, necessária e com grande potencial e que precisava, sem dúvida, fazer a universidade e depois até fazer as pós-graduações. Porque, de fato, eu já tinha até projeto e nem graduação eu tinha ainda. Então, era assim um tanto quanto incoerente. Mas foi um encaminhamento meu dentro da fundação, dentro da minha formação profissional, que não permitiu espaço para que eu fizesse a formação acadêmica. Ao mesmo tempo em que eu já me desenvolvia profissionalmente. Ou seja, profissionalmente eu já estava muito mais desenvolvido do que a própria graduação poderia me dar. Então, por quê? Porque eu fiz um excelente curso técnico. Aquele curso realmente era um diferencial fabuloso e também o meu próprio desenvolvimento dentro de departamento de imunologia. Mas a gente via que eu não ia poder andar muito mais sem a universidade. Mas eu também dizia que nessa época era uma época difícil para a fundação em termos de remuneração e chegou a um ponto em que eu fiquei inclusive algum tempo sem ter nenhuma bolsa, somente a bolsa do CNPq que era uma bolsa muito pequena, de iniciação científica era muito pouco dinheiro realmente. Mal dava para colocar gasolina na moto que eu tinha - que por sinal eu comprei com a bolsa daqui da fundação - mal dava para fazer essas coisas. Mas tudo bem, a gente ia levando eu ainda tinha... Eu morava com a minha família.

WH – Mas você nunca perdeu o contato. É interessante porque é uma coisa que acontece até hoje, não é? A pessoa entra, tem uma bolsa, se interessa pelo trabalho, se empolga e, mesmo sem bolsa, a pessoa não perde o contato.

AG – Ah sim, isso naquela época era muito comum. A maior parte das pessoas não tinham bolsa e vinham, coisa e tal. Só que naquela época eu também...

WH – Era um campo de trabalho, não é? Quer dizer, era um mercado.

AG – É, mais ou menos...

WH – Mais ou menos? Como mais ou menos?

AG – Não, eu digo assim, no meu caso especial não era bem assim, porque no meu campo de trabalho, nessa época eu já não estava mais aprendendo, eu estava dando muito mais do que recebendo da instituição. Em contra partida eu não recebia por isso. Então já era uma pessoa com uma formação extremamente boa, dando resposta, muita resposta realmente, entendeu? E não dava para a pessoa... A Vera ficava apavorada assim, ficava tentando conseguir um projeto, ou dinheiro de alguma forma para poder, pelo menos, me levar a um cargo técnico, me contratar para que pudesse, realmente, me dar alguma condição melhor de manutenção. Bom, nesse momento, surgiu o projeto institucional de Aids, aqui na Fundação Oswaldo Cruz, em 1985 mais ou menos. Surgiram algumas possibilidades de contratação de algumas pessoas. E nessa época, surgiram duas vagas. Esse programa era coordenado pelo Galvão... quer dizer tinha uma coordenação do vice-presidente da época, que eu acho que era o Dr. Coura, mas quem de fato coordenava esse programa a nível institucional era o Galvão. E não tinha pessoa melhor do que eu para colocar nesse projeto. Então a Vera com muito... E eu também muito triste abri mão do trabalho que eu vinha fazendo para poder entrar numa outra área.

WH – A Vera também estava ligada a esse projeto da Aids?

AG – Ainda não, depois veio a se ligar, anos depois, mas a princípio não. O projeto começou novo e tinha o desenvolvimento basicamente do Dr. Galvão, do Dr. Gelli Pereira que era um pesquisador sensacional também, aqui, Dr. Pereira que era da Virologia.

WH – Marido da Peggy [Marguerite Pereira].

AG – Marido da Dra. Peggy, que inclusive trouxe as células de HIV que possibilitaram...

WH – Mas isso foi uma aventura não foi?

AG – Foi, foi uma aventura, não tenha dúvida! Foi uma aventura.

WH – Que história foi essa?

AG – Olha, era uma coisa extremamente, foi uma coisa... acho que você realmente colocou a palavra correta, foi uma aventura. Porque na época, uma doença nova que ninguém conhecia quase nada, está certo? Uma doença mortal, que ainda é hoje, uma doença extremamente grave que mexe com os estigmas de sexo, uma doença sem cura, e que a Dra. Peggy, realmente, dentro da sua capacidade assim grande, Dr. Pereira também se aventuraram em trazer no bolso da camisa uma garrafa de cultura desse tipo de célula que ninguém conhecia direito.

WH – Mas como eles conseguiram isso? Porque isso foi meio contrabando não é? Vamos usar uma palavra meio forte.

AG – Bom, eles eram dois pesquisadores renomadíssimos. Eles eram muito importantes no cenário até internacional. Trabalhavam com isso um pouquinho de tempo que se tinha em termos de trabalho, mas já estavam envolvidos com isso na Inglaterra, no National Institute for Medical Research, e que vieram...

WH – Ah, ta eles tinham contato lá, não é?

AG – Eles eram de lá! O Dr. Pereira era o diretor desse centro lá na Inglaterra, ele trabalhava seis meses lá e seis meses aqui. Quando se aposentou lá e veio definitivamente para o Brasil, a Dra. Peggy ficou sendo a chefe lá.

WH – Ela é inglesa não é?

AG – Ela é inglesa.

WH – Ele é brasileiro.

AG - Ele é brasileiro. Bom, então eles vieram, quer dizer, a Dra. Peggy veio. Numa dessas vindas dela, porque ela também vinha para o Brasil às vezes com ele, ela trouxe essas células para possibilitar que se comesçassem a fazer alguma coisa aqui. Então, quando ela trouxe esse material, esse programa já estava mais ou menos estabelecido, que vamos fazer, vamos desenvolver, vamos isso tudo, e nós começamos a trabalhar. Eu fui contratado, diga-se de passagem, até essas coisas assim que comigo aconteceram, eu não tinha superior e já fui contratado como um biotécnico.

SK – Você ainda não tinha terminado a graduação?

AG – De jeito nenhum! Eu vim terminar a graduação só em 1990, para você ter uma idéia, depois eu vou chegar lá nessa história. Bom, eu fui contratado, inclusive, devido a minha especialização, o meu desenvolvimento, meu desempenho. Eu fui contratado com remuneração de nível superior, nessa época já.

WH – Mas cargo de técnico.

AG – Na época tinha o biotécnico que chamavam, biotécnico. Mas tinha que ter graduação para isso, mas como foi um contrato por tempo determinado, que na época se fazia isso na Fundação.

WH – Era RPA.

AG – Era RPA, eu fui contratado assim.

WH – Eram os bóias frias, não é?

AG – É mais ou menos isso, exatamente (*risos*). Bom, eu vim então. Duas pessoas foram contratadas, eu e uma outra pessoa, para trabalhar. Como eu tinha já uma formação envolvendo essa parte toda de química de proteína, eu vim trabalhar direto, foi muito bacana também, vim trabalhar diretamente com o Dr. Pereira. Vim para a virologia para trabalhar com o Dr. Pereira e o nosso objetivo era o quê? Desenvolver alguns reagentes ou alguns reativos para diagnóstico de HIV. Muito interessante isso, porque eu também,

nessa época, lá na imunologia, antes desse contrato e tudo... É engraçado, eu já tinha trabalhado um bocado, mas tinha pouca paciência para trabalhar com pesquisa básica, sabe? Eu sempre tinha... Quer dizer, eu pressionava um pouco a Vera: “Vera, eu quero fazer uma coisa um pouco mais objetiva, onde eu veja resultados muito completos. Eu quero ver logo, eu quero ver isso que a gente faz”. Tanto que a gente começou até trabalhar com alguns projetos que fossem que dessem resultados mais imediatos. E com isso, esse projeto institucional de Aids, eu vim para essa parte porque era a possibilidade que eu tinha de quê? De tentar desenvolver, trabalhar pesquisa em desenvolvimento, está certo, mas uma coisa muito imediata. A gente ia ter que montar alguns diagnósticos para HIV que não tinha! No mundo era já difícil! No Brasil, não tinha!

WH – Pois é, era uma coisa que eu até queria te perguntar: no caso, a Aids é uma doença nova, em que há um investimento em massa dos Estados Unidos, da França, na pesquisa nessa área, e no Brasil esse projeto de Aids aqui na Fundação. Como era vista essa idéia do Brasil ter pesquisa em Aids? Havia outros centros nessa época...

AG – Não, a Fundação Oswaldo Cruz era e ainda é um expoente em termos de pesquisa e ciência em saúde. Não tenha dúvidas. Era uma doença nova, envolvia imunologia. Obvio, estava envolvida a imunologia. Galvão era uma pessoa extremamente envolvida em programas da OMS. Era uma pessoa que sempre teve muito valor e que estava puxando isso para cá logo, óbvio. E teve, lógico, todo o apoio por parte da direção ou da presidência da Fundação, porque a Fundação sempre teve essa função. Ela sempre foi pioneira nas ações de saúde, não foi... isso é só um dos exemplos, não tem dúvida! Todos os outros começaram com Oswaldo Cruz nesse tipo de aventura de realmente trazer consolidado...

WH – É, mas o que eu estou te perguntando, é como se coloca esse projeto de Aids no contexto mundial da pesquisa da Aids? Como é que era a relação desse projeto... Eu estou entendendo a Fundação, esse projeto particularmente e globalmente. Havia vinculação com laboratórios de centros internacionais?

AG – O departamento de imunologia, nessa época, era um dos laboratórios de referência da OMS no mundo, porque ele desenvolveu uma série de coisas...

WH – Não no caso da Aids.

AG – No caso da Aids não, no caso de imunologia geral. Foi uma coisa com um impacto muito grande. Poxa, Aids, de imediato causou um impacto muito grande por causa de todas essas coisas que a doença traz consigo, todo esse impacto. E dentro da Fundação Oswaldo Cruz foi muito importante, a ponto de se criar excepcionalidade de se contratar gente numa época em que isso era praticamente impossível. Então, foi importante. As pessoas que estavam, a época, à frente da Fundação e no Ministério da Saúde, entendiam que isso era muito importante.

WH – Isso era a época em que o Guilaro era presidente.

AG - O Guilaro era presidente nessa época que logo... Não, nessa época acho que já era o Arouca... Não sei, época de Guilaro e Arouca, 85, 86, estava nessa época de mudança, mas isso estava muito caracterizado, já a importância e tal.

WH – Isso já tinha o apoio do Guilarido? Ou é um projeto surge com a nova administração?

AG – Não, não. Eu acho que não. Acho que surgiu assim, porque foi um *boom* mundial e a Fundação, óbvio, sabia que era importante. Galvão sempre foi um cara convincente na defesa dos seus projetos, e tudo isso, sempre com muito embasamento, entendeu? Idéias muito objetivas, idéias muito práticas de resultados alcançáveis. Então era uma pessoa muito séria e o que ele falava, realmente, era levado com uma seriedade grande. Ele mostrou o quanto era importante entrar nisso. Realmente foi um marco para a Fundação Oswaldo Cruz, porque Aids hoje ainda é uma das principais doenças. Hoje os Estados Unidos, talvez um pouco mais da metade do dinheiro gasto em pesquisa e desenvolvimento estejam sendo colocados ainda em HIV, em Aids.

WH – Porque ainda não se desenvolveu uma vacina.

AG – Não, eu quero dizer que durante muitos anos isso ainda está acontecendo, não surgiu nenhuma doença... Temos doenças que matam muito mais gente, entendeu, mas mesmo assim a Aids está ainda, digamos assim, com muita força para estudo e tudo mais.

WH – Quer dizer, se tinha essa idéia de colocar o Brasil na ponta da pesquisa em ciência? Isso se pensava?

AG – Não tenho dúvidas que isso se pensava. Não tenha dúvida. Além do mais envolvendo, por exemplo, o Galvão que é uma pessoa que sempre estava à frente das coisas. A imunologia já era uma coisa relativamente nova, se conhecia pouco e essa doença envolvendo imunologia. Ainda era muito mais interessante. Bom, eu vim trabalhar com o Dr. Pereira, na virologia, essa parte tentando desenvolver. Aprendi muito com o Dr. Pereira, uma pessoa realmente de conhecimento amplo, uma pessoa assim com conhecimento de vida e também técnico, específico da nossa área assim. Talvez não conheci ninguém tanto quanto ele. Uma pessoa, realmente, que me ensinou bastante e que, numa dessas idas e vindas, ele foi passar... Nessa época, ele brigava um pouco. O Dr. Pereira já era um pouco mais velho e tinha lá o seu jeito. Teve uma época que ele brigou com um pessoal, porque, nessa época, a presidência, claro, queria administrar os louros dessa atuação, desse trabalho. Colocaram algumas coisas no jornal, coisas que não condiziam exatamente com a realidade do que estava acontecendo aqui dentro. E numa dessas idas e vindas, o Dr. Pereira ficou muito chateado com uma dessas coisas e ele falou: “Vou ficar um pouco na Inglaterra”. E foi para a Inglaterra, mas me deixou com a responsabilidade do trabalho e envolveu... Ele teve a capacidade... Ele era muito bacana, realmente, e ele teve a habilidade para envolver o Dr. Otávio Oliva, que na época era coordenador da área de reativos para diagnóstico em Bio-Manguinhos e envolvendo Bio-Manguinhos nesse trabalho, porque até então, não estava envolvido... Quem, dentro da Fundação Oswaldo Cruz, deveria ter responsabilidade de desenvolver e produzir kits de diagnóstico? Bio-Manguinhos, é óbvio. Não era pesquisa, era Bio-Manguinhos. Não era o IOC, não era virologia nem imunologia, era Bio-Manguinhos! Então, ele conseguiu numa tacada só envolver Bio-Manguinhos, envolver o Otávio nisso. O que foi muito bom, porque o Otávio também é uma pessoa com qualidade assim muito grande.

WH – Agora, deixa eu te perguntar.

AG – Então, desse jeito eu caí em Bio-Manguinhos. Nesse momento, eu vim praticamente. Ainda era pago por esse programa institucional, está certo? Era pago ainda como da imunologia mas não estava mais nem na virologia, estava já trabalhando em Bio-Manguinhos.

SK – No laboratório para reagente de diagnóstico.

AG – Na coordenação de....

SK - Já coordenando isso.

AG - Não, não. É que antigamente não eram departamentos, eram coordenadorias, na coordenadoria de reativos para diagnósticos.

SK – Junto com o Otávio Oliva?

AG – Junto com o Otávio.

WH – Mas nessa área de Aids.

AG – Sim, agora, trazendo para Bio-Manguinhos o trabalho com HIV.

SK – Isso foi em que ano, Toninho?

AG – Isso foi final de 85, início de 86.

SK – Então, você está trabalhando aqui em Bio-Manguinhos desde 86?

AG – É, desde essa época, 85, 86,

SK – 85-86.

AG - Era aqui no 5º andar, passei a trabalhar no 4º andar do Pavilhão Rocha Lima. Bom, então, começamos com isso. O Otávio trouxe, é lógica, a experiência que tinha também nessa área de reativos para diagnósticos, porque ele já trabalhava há mais tempo. A gente conseguiu trabalhar um bocadinho nisso, realmente conseguimos algumas coisas boas.

WH – Deixa eu te perguntar: esse projeto, era um projeto geral sobre a Aids que tinha vários aspectos?

AG – Tinha, tinha vários aspectos.

WH – A gente podia desenvolver até um pouco mais isso, um deles era essa idéia de desenvolvimento de um...

AG – De produção de reagentes para diagnóstico.

WH – ... que teria que, desde o início da pesquisa mesmo...

AG – A gente partiu das células, das células infectadas pelo vírus e células não infectadas pelo vírus.

WH – Até a parte de produção.

AG – Sim, a idéia seria essa.

WH – Como é que entrava então, vem aí a minha pergunta, como é que entrava a relação Bio-Manguinhos – IOC? Quer dizer, qual era a ponte que se estabeleceu ali, você vindo trabalhar e qual era o papel de cada um nessa relação?

AG – Veja bem, o papel era só em termos de definição do objetivo de cada uma das unidades. Era um programa institucional, não era um programa da virologia, do IOC ou da imunologia. Não, era um programa da Fundação Oswaldo Cruz e com algumas unidades envolvidas. Até então, Bio-Manguinhos não havia se envolvido, mas com a minha vinda passou a se envolver, a ser uma das unidades que começaram a participar. Bio-Manguinhos sempre foi muito importante, porque produzia vacina, tinha um trânsito muito grande no ministério e, vira e mexe, tinha possibilidade de excepcionalidade, porque, realmente, Bio-Manguinhos, sempre deu muita resposta, não é? Produzia vacina, produzia reativo para diagnósticos, e tal. Então, numa dessas, o Akira era nosso diretor na época, Dr. Akira Homma. Akira conseguiu duas vagas. Não mais como contrato por tempo determinado como se tinha, mas duas vagas de verdade, de excepcionalidade para a Fundação Oswaldo Cruz, na época, para ser funcionário do quadro.

WH – Entraram várias, foi um...

AG – Não, nessa época só duas vaguinhas só.

WH – Não teve para a Fundação inteira?

AG – Não, só duas, duas vagas, por causa do programa de Aids. O Akira, muito esperto, e com toda a habilidade que ele tinha, disse assim: “Agora que eu estou trabalhando em HIV, o HIV é um *boom* mundial, no ministério também. Para começar a produzir alguma coisa em HIV, eu preciso de duas pessoas, preciso de dois técnicos aqui para botar isso para andar”. E conseguiu a excepcionalidade da contratação de dois técnicos e fomos contratados eu e o Zé Carlos Couto Fernandes, que hoje ainda está trabalhando com o Galvão. Hoje ele está no LASP da Bahia.

WH – O Galvão está lá também?

AG – O Galvão está lá também. Bom, foram contratados nós dois. Por que fomos contratados nós dois? Porque quem conseguiu essas vagas foi o Akira, foi para Bio-Manguinhos. Mas o Galvão fez um... Foi uma briga danada. O Galvão veio aqui e falou com o Akira que o programa institucional de Aids começou com a imunologia, não sei que, que ele não tinha conseguido, mas que ele ia ter que contratar alguém para ele. Ele tinha que dividir essas vagas pelo programa institucional, e que todo mundo estava envolvido, não sei que, que não era para Bio-Manguinhos só, e acabou conseguindo que uma vaga ficasse para Bio-Manguinhos e uma vaga ficasse para o Galvão. E o Galvão então contratou o Zé Carlos e Bio-Manguinhos me contratou.

WH – E a partir daí você passa a ser integrante do quadro de Bio-Manguinhos.

AG – É passo a ser integrante do quadro da Fundação.

WH – Da Fundação em Bio-Manguinhos.

AG – Da Fundação em Bio-Manguinhos.

WH - Deixa só voltar um pouquinho, que dizer, é interessante você me dar toda essa parte administrativa, mas eu queria voltar um pouco para o projeto mesmo. Você disse para gente que era uma área que não se conhecia, vocês começaram da célula, um pouco mais para pesquisa. Como se deu esse processo de trabalho? A idéia de se desenvolver um reagente de diagnóstico, um kit diagnóstico, desde a pesquisa... Bom, estou aqui diante de uma célula, o que eu faço? Até que vocês conseguiram, foi bem sucedido, que aconteceu com o projeto em si?

AG – Bom, basicamente, a gente detinha o conhecimento básico das metodologias de imuno-diagnóstico, porque na imunologia esse é o nosso trabalho. Tem algumas outras áreas da imunologia, mas aqui, especificamente, nós trabalhávamos essa parte de imuno-química. A parte de imuno-química envolve o que? Isolamento, caracterização de antígenos e anticorpos específicos. Essa é a base do imuno-diagnóstico. Então, a gente detinha aqui conhecimento das metodologias que poderiam ser utilizados para padronizar os métodos para diagnósticos. De imediato a gente padronizou uma imunofluorescência para HIV que, por exemplo, era uma coisa fácil. Para usar a imunofluorescência a gente estava precisando da célula, do vírus e mais outros acessórios. Então a gente já partiu de uma coisa que... Qual era a base do negócio? Era o vírus mesmo, era cultura de célula. Então, partimos daí, padronizamos uma imunofluorescência que foi muito importante na época, porque era o único instrumento de diagnóstico que se tinha. Não tinha mais nada, era isso. Não sei se vocês sabem bem assim as coisas, mas um teste enzimático na época, só na França e nos Estados Unidos mesmo que os caras já tinham chegado lá. A gente não estava nem perto disso ainda, estávamos começando. Nosso objetivo era chegar nisso também, logo em seguida, mas por quê? Porque naquela época, em termos tecnológicos, o que se podia fazer em Aids? Só duas coisas. Primeiro, estudar um pouco mais a doença, pegando assim alguns pacientes, algumas coisas que começaram a pipocar, um aqui, outro ali, está certo? E a parte de diagnóstico que era extremamente importante, porque sem a parte de diagnóstico a gente não podia fazer mais nada. Então, o programa em si de HIV se dividiu mais ou menos nessas duas áreas: a parte de acompanhamento clínico e laboratorial do paciente e a parte de desenvolvimento de teste para poder servir de instrumento para esse outro lado também.

SK – Quer dizer, a gente pode dizer que isso é Biotecnologia, uma vez que está apontando para o reagente.

AG – É, veja bem, o que eu acho...

SK – Eu acho que esse é um exemplo bom para... Você está falando justamente de uma pesquisa sem a parte básica mas que vocês estavam preocupados em desenvolver um reagente.

AG – Exatamente, exatamente isso. O que é a biotecnologia? Biotecnologia para mim é usar os processos biológicos para a obtenção de um produto, a obtenção de alguma coisa no final. E nesse caso é exatamente isso, a aplicação direta, da biologia, culturas celulares, depois por processos de purificação, de vírus, anticorpos, produção de soros e tal, usando animais e tudo isso para o que? Para ter um reativo de diagnóstico, para

poder ter um produto, digamos assim. Naquela época, ainda éramos um tanto quanto amadores nesse trabalho. Hoje a gente já está um pouco mais evoluída nesse aspecto, mas não tenha dúvida que foi um processo em biotecnologia, não tenha dúvida, é verdade.

WH – Mas você estava contando como começaram e como é que estava indo o projeto. Vocês conseguiram desenvolver um teste diagnóstico?

AG – Sim, em princípio nem tanto aqui em Bio-Manguinhos não. Em Bio-Manguinhos a gente só aperfeiçoou utilizando algumas outras células. Mas ainda na imunologia e na virologia nós tínhamos a imunofluorescência, muito com a ajuda da Dra. Peggy. Inclusive, nós fizemos muito rápido a padronização e até...

Fita 2 - Lado A

AG – Vou começar a contar um pouco desta parte em Bio-Manguinhos. Vou falar um pouco de como foi a minha trajetória dentro da unidade, certo? Até chegar onde eu estou hoje.

WH – Você não quer fechar a idéia desse projeto aqui?

AG – Não, não sei... Porque a única coisa que a gente fez de fato em termos de desenvolvimento de reativo para diagnóstico foi a imunofluorescência, que depois a gente trabalhou já aqui, na verdade acabou.

WH – Você ainda está vinculado ao projeto de Aids?

AG – Não, esse projeto ainda continua até hoje, um programa...

WH – Mas você não está mais vinculado.

AG – Estamos, enquanto estamos produzindo. Somos ainda laboratório de referência nacional. A Fiocruz é um laboratório de referência nacional em diagnósticos de HIV, de Aids e nós fazemos parte. Só que agora não é mais como naquela época que era um laboratório. Agora temos uma parte com o Galvão, temos uma parte com a imunologia, temos uma parte aqui com Bio-Manguinhos e temos uma parte no INCQS. Temos ainda alguma coisa no Hospital Evandro Chagas, mas ele trabalha mais isolado, não como laboratório de referência nacional. Então, quer dizer, não sei se... Mas eu tenho que falar enquanto isso aqui, enquanto Bio-Manguinhos, eu tenho que falar disso, enquanto em Bio-Manguinhos...

WH – Pois é, o que eu fiquei curiosa, talvez a gente pudesse terminar essa fase, você falou é um projeto que é coordenado pelo laboratório de imunologia, na sua origem.

AG – É, em verdade é.

WH – Pelo Bernardo Galvão da imunologia e o IOC. Em algum momento, entra Bio-Manguinhos para, enfim, colaborar nesse projeto. Essa colaboração era basicamente no desenvolvimento do diagnóstico, de um kit?

AG – É, um kit, um kit diagnóstico, a idéia era essa.

WH – E como é que se dava a ponte com o IOC? Quer dizer, aonde é que vocês iam. Porque o IOC bebia numa fonte e vocês em outra. Você fez a tua formação ali no IOC.

AG – Exatamente, a minha formação foi dentro do IOC, dentro da área de pesquisa, primeiro básica e depois um tanto quanto aplicada. Porque a gente começava a buscar produto. A buscar uma coisa que no final desse uma resposta mais imediata. Essa foi a idéia. Eu vim para esse projeto e depois vim para Bio-Manguinhos muito porque acredito nisso.

WH – Tinha esse objetivo.

AG – É, o meu perfil é um pouco este, é ser um pouco imediatista. Essa é a idéia de transformar o meu trabalho em alguma coisa que possa ser usada logo. Estando em Bio-Manguinhos, já contratado pela Fundação como técnico porque eu nem tinha nível superior... Eu fui contratado como técnico porque as duas vagas que foram obtidas foram de técnico. Eu comecei trabalhando normalmente. Muita gente faz isso aqui. Muita gente até formada e tudo isso desenvolve atividades até muito mais diferenciadas, assim, que poderíamos enquadrar como de nível superior e são técnicos. Você deve saber disso. Depois do reenquadramento de 89, nem tanto, mas antes disso aqui era uma rotina. Praticamente todo mundo de nível superior entrava como técnico e depois, com alguma oportunidade que surgia, passava a pesquisador ou passava a nível superior ou, de alguma forma, a tecnologista. Então, em Bio-Manguinhos comecei a trabalhar com o Otávio direto, está certo? E o principal trabalho da gente era desenvolver e produzir reativos para diagnóstico.

WH – Agora, aí eu não entendi: era especificamente nesse projeto de Aids ou já numa coisa mais geral? Vocês entraram numa coisa mais geral de Bio-Manguinhos?

AG – Não, o Otávio tinha outras áreas que ele coordenava, ele coordenava outros laboratórios que faziam outros reativos para diagnósticos. Mas, em HIV fui eu quem veio trabalhar. Então, ele trabalhava muito porque acabou se interessando demais, se envolvendo demais nessa área e foi, talvez, uma pessoa muito importante, inclusive nesse programa, em tudo que a gente fez em HIV e tal. Ele foi importante, muito importante nisso também.

WH – Eu não sei se o que eu vou falar está completamente errado, porque essas coisas que as pessoas conversam, eu me lembro que na época surgiu... Eu me lembro de ouvir falar que teria se chegado a desenvolver um teste, uma forma de teste de diagnóstico aqui, mas que o custo de mercado dele era muito caro. Que história é essa? Isso é verdade? Isso aconteceu?

AG – Lógico que isso é verdade. Isso se aplica até hoje. Hoje em dia a gente detém tecnologia, para, por exemplo, produzir os ensaios enzimáticos para HIV, isso é fácil. Só que para que a gente possa produzir e possa agregar a isso um valor pequeno, a gente precisava fazer isso numa escala muito grande, industrial mesmo, e não numa escala semi-industrial ou um pouco menor do que a gente teria condição de fazer aqui. Para fazer nesse patamar, esse produto sai caro. Mais caro do que, por exemplo, você comprar no

mercado, nas empresas aí multinacionais que hoje em dia temos várias, milionárias, por sinal.. Então quer dizer, sem dúvida, a gente ter condição de fazer um monte de coisas aqui, um monte de outras metodologias. A gente tem condições, só que isso de verdade não é... não dá para aplicar porque ia ficar mais caro do que a gente comprar. Então, a princípio a gente direcionou a nossa atuação e, na verdade, isso se aplica hoje... Até no laboratório que eu estou coordenando, a gente principalmente concentra a nossa atuação em lacunas que as pessoas da área privada ou da iniciativa privada, essas multinacionais, não tem tanto interesse. Ou seja, saúde pública muitas vezes. Então, por exemplo, no caso do HIV, hoje a gente produz lâminas de imunofluorescência diferentes das que a gente tinha naquela época lá. Melhores, com um monte de diferenças, mas muito melhores. Muito mais sensíveis, muito mais específicas, com outro tipo de célula e tudo isso e numa escala que dá para atender ao Brasil inteiro e talvez mais um pouco se tivéssemos possibilidade de entrar em outros mercados. Mas não são testes para triagem. Ou seja, testes que são usados assim milhões, milhares aí. São testes para confirmação do diagnóstico de triagem. Então, são testes alternativos que a gente chamou complementares. Temos hoje um produto - diga-se de passagem, muito bom - que é recomendado pelo Ministério da Saúde para confirmação de qualquer amostra no Brasil. Então, dos 4, 8 ou 10 milhões de reações de enzimáticas que são feitas, por exemplo, para HIV hoje no Brasil, uma boa parte das positivas são confirmadas com os testes que nós produzimos aqui, com essa imunofluorescência que nós produzimos aqui em Bio-Manguinhos. Mas isso é o que a gente tem hoje, mas temos mais algumas coisas para contar assim do que teve antes, ou seja, do desenvolvimento de Bio-Manguinhos antes um pouco.

WH – Antes um pouco?

AG - Antes um pouco de nós chegarmos a essa imunofluorescência. Nós trabalhamos em um monte de outras coisas. Nós fizemos realmente, inclusive, desenvolvimento de testes enzimáticos, fizemos desenvolvimento de *Western blot*, que é uma outra metodologia muito cara. As reações por *Western blot* são muito caras realmente. Hoje estão custando para HIV em torno de 50, 60 dólares. Já custou quase 200 dólares cada teste. A gente tentou, tentou, e conseguimos desenvolver aqui, só que não ao nível do que tem aí no mercado, nas multinacionais e com este teste *Western blot*.

WH – Como assim?

AG - A nível de apresentação, qualidade, como eu disse para você, a gente está evoluindo ainda. Estamos ainda deixando de ser amadores nesse trabalho de desenvolvimento e produção de reativos para diagnóstico. Então, quer dizer, a gente ainda não está num patamar que seja assim totalmente... Não estamos à altura de competir, em algumas áreas, não em todas, mas em algumas áreas, nessa, por exemplo, para a produção de *Western blot*, com o que se tem na iniciativa privada. Nem eles mesmos têm condições de competir, tanto que o FDA hoje só tem três kits, ou três fabricantes com esse tipo de metodologia com aprovação pelo FDA. É porque realmente não é fácil e como a gente já tem a imunofluorescência...

WH – Por que é uma tecnologia de manipulação complicada, cara?

AG – Não, não, mais ou menos, é muito caro sim.

WH – Uma pesquisa muito especializada?

AG – É muito trabalhoso. É realmente bastante trabalhoso e, principalmente, as questões de controle de qualidade são muito grandes, envolvem um aparato muito grande para análise. Então, o que acontece é que poucos têm condições de fazer e poucos chegam a fazer isso com a qualidade compatível com a necessidade ou com a responsabilidade que está mantida num resultado de HIV ou de Aids, para essa doença, nessa metodologia que é considerada a *gold standar*, é considerada padrão ouro. Ou seja, se o *Western blot* der positivo não tem como não ser. Se o *Western blot* der negativo, também assim tem uma possibilidade quase total de que não seja, entendeu? Então, a gente resolveu trabalhar com a imunofluorescência. Dar uma alternativa mais barata, que seja eficiente e que seja aplicada dentro da realidade nacional do Brasil. Que não tenha a necessidade de se comprar ou de se gastar tanto dinheiro com esse *Western blot* que realmente custa uma fortuna, é muito caro. Eu achava que a gente podia ...

WH – Parar? Está bom.

AG – Por enquanto.

Data: 09/10/1996

Fita 3 - Lado A

WH- Hoje é dia 9 de outubro de 1996, a gente está começando agora a segunda entrevista com Antônio Gomes Ferreira, Toninho. Aqui presente Wanda Hamilton e Simone Kropft. Vamos fazer a entrevista. Toninho, a gente estava te falando antes de começar, que a gente tinha parado a entrevista com a sua chegada em Bio-Manguinhos e o desenvolvimento do teste de imunofluorescência para HIV. A gente meio que fechou um pouco esse assunto e agora gostaria de saber, enfim, qual foi a sua trajetória aqui dentro de Bio-Manguinhos a partir daí, não é? Enfim, se você foi desenvolvendo outros projetos? Como é que você foi se relacionando com o que havia aqui, passando a outros setores ou não?

AG- Exatamente. O que aconteceu de fato foi que, em um dado momento, nós tínhamos o laboratório de reativos, um laboratório de produção de reativos para diagnóstico que estava numa certa decadência no sentido de que começavam a minguar as demandas da utilização dos produtos da nossa linha de diagnóstico. Porque é uma área que evoluiu muito rápido e que, de fato, não houve investimento no sentido de aprimorá-la ou melhorá-la. Enfim, isso estava um tanto quanto esquecido na unidade. Num dado momento, o dr. Otávio Oliva que era nosso diretor, me convidou...

WH- Otávio Oliva era o diretor de quê?

AG- De Bio-Manguinhos.

WH – Bio-Manguinhos. Aí já tinha mudado porque você chegou na gestão do Akira, não é isso?

AG- Cheguei na gestão do Akira, trabalhei com o Otávio durante um bom tempo e depois disso o Otávio saiu, está certo? Ele ficou um pouco no Pará, voltou para o Pará e depois inclusive...

WH- Ele foi fazer o que lá no Pará?

AG- Ele foi desenvolver, porque o Otávio é original de lá, não é?

WH- Ele é paraense, não é?

AG- É. Ele é paraense. E ele foi tocar um pouco da vida dele por lá, em função de outros projetos. Ele tava com projeto de ir pro exterior e uma série de coisas.

WH- Fazer formação no exterior?

AG- É. Fazer o doutorado dele e tudo isso. Eu sei que, depois, ele foi convidado a retornar a Bio-Manguinhos para assumir a direção da unidade. Ele prontamente aceitou o desafio. Veio e depois de algum tempo a gente se encontrava nesse momento a que eu estou me referindo, ou seja, o laboratório de reativos um pouco parado no tempo.

WH- Decadente.

AG- Decadente talvez seja uma palavra forte, mas...

WH- Como é que você explica essa decadência, digamos assim?

AG- A decadência é em função de que se você não evolui e não trabalha desenvolvimento aliado à produção, na área de diagnóstico é uma condenação à morte. Porque você vai se sustentar por muito pouco tempo. Então o que aconteceu foi isso: houve um certo congelamento das atuações em desenvolvimento de reativos em geral, para doença de Chagas e algumas bactérias que tinham aqui, como *Escherichia coli*, leptospirose. A coisa meio que parou um pouquinho no tempo. Então esse grupo de reativos foi diminuindo em função, realmente, de perder as demandas que tinha no passado, está certo? A gente chegava a distribuir alguns reativos para muitos laboratórios. Vendíamos alguns produtos para muitas secretarias de Saúde e tal. Parte da culpa desse processo foi um pouco do SUS, porque com o SUS a gente não tinha mais centralizado em Brasília as ações laboratoriais. Ou seja, o dinheiro começava a ser descentralizado, está certo? E aí, pôxa, a nossa interlocução não tinha que ser mais só com o Ministério da Saúde, tinha que ser com tudo quanto era secretaria de Saúde. Isso dificultou muito o nosso acesso a todo mundo. Porque as empresas concorrentes privadas grandes, são muito grandes. Abott, Organon, Biolab-Mérieux, Hoechst, enfim, outras empresas grandes, têm um grande montante de recursos para investir em promoção dos produtos, em colocar equipamentos nos laboratórios para usarem os seus produtos e etc. Então aí ficou uma certa concorrência desleal que a gente não tinha mais... A gente não estava mais com a mesma mobilização que existia há algum tempo atrás. Então, nesse dado momento, o Otávio me chamou na sala dele e perguntou se eu assumiria esse trabalho, na tentativa de resgatar essa área dentro de Bio-Manguinhos.

WH- Você pode me explicar um pouquinho como é que esse setor. Ele surge quando em Bio-Manguinhos? Quantas pessoas tinham trabalhando e, enfim, que produtos ele desenvolvia? Você tem essa idéia?

AG- Tenho! Claro, tenho sim! Quando eu cheguei no laboratório... Bom, com isso então aceitei o desafio, ainda um pouco receoso porque eu nunca tinha experimentado a responsabilidade de chefia. Era uma coisa para mim bastante nova, está certo? Mas foi para mim um desafio muito interessante, o qual eu, é óbvio, tinha que aceitar. Além de ajudar era uma tremenda oportunidade para o meu desenvolvimento profissional.

SK- Em que ano foi esse convite?

AG- Isso foi em 80 e... Caramba! Agora não sei se foi em 90. Acho que foi em 90 isso.

WH- Você já estava formado?

AG- 1990. Não, ainda não... Eu estava recém-formado (*risos*). Eu estava recém-formado. Mas não foi por isso. É porque eu realmente já desenvolvia uma certa série de atividades, já trabalhava junto com várias pessoas desse laboratório de reativos, ajudando um pouco eles. Eu era de um outro departamento, mas a gente tinha muita estrutura nesse departamento de desenvolvimento. Então nós tínhamos coisas comuns.

WH- Pois é, a gente está indo muito rápido. Você era de outro departamento? É muita informação. Você era de que departamento quando você entrou?

AG- Eu era do Departamento de Desenvolvimento Tecnológico.

WH- Você estava ligado a esse teste de imunofluorescência ou você já tava fazendo outros?

AG- Sim, sim! Dentro desse Departamento Tecnológico a gente tinha uma série de atividades. Talvez a principal que a gente possa destacar seja a de produção de reativos. Na verdade, estava desviado de local, não é? Porque eu já tinha passado do momento de desenvolvimento e já tava em plena produção. É claro que isso sempre tende a um aprimoramento constante. Mas isso já era produção, já era produto, já tinha demanda a nível nacional. Então, isso já deveria inclusive estar dentro do laboratório de reativos e não dentro da área de desenvolvimento. O que aconteceu é que eu e essa atividade nos transferimos para esse laboratório. E eu então com a incumbência de dar um novo rumo ou de administrar ou trabalhar essa área dentro de Bio-Manguinhos de uma forma mais eficaz, mais eficiente. Bom, nesse momento a gente buscou contatos em Brasília porque, veja bem, na área de reativo para diagnóstico as coisas mudam muito rápido, evoluem muito rápido. Então o que nós fizemos foi o seguinte: realmente existe um grande potencial para produtos novos, existe um grande potencial de utilização de novidades nessa área, qualquer modernidade é bem vinda. No entanto, tem toda uma estrutura oficial ou pública que vive um pouco à margem desses avanços tecnológicos todos, que é a rede pública, os laboratórios centrais de Saúde Pública do país. Em geral, eles não têm recursos para irem assumindo com essa velocidade os avanços que surgem, está certo? Para essas pessoas é que a gente imaginou ainda ser útil e com isso, pôxa, consolidar nossa atividade até que a gente pudesse trabalhar novos produtos, novos desenvolvimentos e tudo mais. Nesse sentido, nós fomos a Brasília e discutimos em Brasília junto à Fundação Nacional da Saúde que mais ou menos, é... Dentro da Fundação Nacional da Saúde existe a coordenação de laboratórios. Uma área que deveria ser executiva do Centro Nacional de Epidemiologia, da FNS. É um braço que deveria dar suporte a uma rede de laboratórios que seria composta por quem? Por todos os laboratórios capitais e mais uma série de outros laboratórios de diagnóstico, que funcionavam em apoio aos programas do Ministério da Saúde, programas prioritários. E por sinal, dentro dessa mesma linha de atuação, existem muitas patologias que não têm muito interesse comercial, conseqüentemente não chamam muito a iniciativa privada ou esses grandes grupos a virem ocupar esses espaços. Então, quer dizer, foi tentando buscar essas lacunas de uma necessidade que existia ao nível de Brasil, entendeu, que a gente ainda poderia ser útil! Nesse sentido, nós negociamos em Brasília. Apesar do SUS, apesar disso tudo, nós negociamos a implementação de alguns convênios com a FNS, que seria uma mão dupla. A FNS nos forneceria recursos, que isso eles tinham de fato, está certo? Em contra-partida, nós atenderíamos uma série de demandas, de necessidades de reativos para diagnóstico desses laboratórios centrais, desses laboratórios vinculados à FNS. Todo mundo que trabalhava junto à FNS e que precisasse de algum produto que nós pudessemos produzir, nós iríamos produzir! Nesse momento nós tínhamos em torno de...

WH- Que não fossem competitivos no mercado, não é?

AG- Não. Competitivos ou não, desde que nós tivéssemos capacidade de produzir e fornecer.

WH- Sim, mas você estava falando aí de áreas que não interessariam tanto aos laboratórios.

AG- Sim, sim. Mas isso também.

WH- Leishmânia, por exemplo.

AG- Veja bem, leishmânia, é um exemplo bom que você pegou. Mas por exemplo, doença de Chagas é uma coisa comercialmente extremamente lucrativa, mas apesar disso, o quê? Os laboratórios centrais têm em dificuldade, às vezes, de adquirir. Hoje já mudou um pouco mais esse quadro, mas há seis anos atrás, há cinco ou seis anos atrás eram menos recursos que existiam para esses laboratórios. Então muitos deles estavam muito sucateados e tal, tinham dificuldade realmente de se

sustentar enquanto locais de diagnóstico, entendeu, em apoio aos programas estaduais de qualquer coisa. Então, quer dizer, foi uma coisa boa porque nós... Eles tinham necessidade, nós tínhamos possibilidade de produzir. Não eram os produtos de última geração, mas eram produtos que funcionam, que têm qualidade, talvez dêem um pouco mais de trabalho para usar, mas eram bons, davam resultado! E dava para trabalhar diagnóstico. Aliás, vinha funcionando durante muitos anos, há muitos anos atrás.

WH - Acabou esse convênio?

AG - Não. Esses convênios ainda se mantêm até hoje. Sendo que algumas...

WH - (*inaudível*) funciona, não é?

AG - Não. Esses produtos que a gente tinha na época, alguns deles a gente ainda até, eram produtos que vinham sendo utilizados por esses locais e por outros, há anos atrás! Eram produtos um pouco antigos, hemoaglutinações, imunofluorescências e alguns testes de aglutinação. Mas que funcionam! Não são...

WH- Para que doenças?

AG- Então, nisso que eu vou chegar. Nessa época, antes de estabelecer os convênios, nós tínhamos cerca de seis produtos de diagnóstico só. E talvez um grupo de oito ou 10 pessoas. Em função do quê? Desse esvaziamento que foi sofrendo ao longo dos três ou quatro anos anteriores. Bom, o que a gente teve então foi uma retomada de posição, está certo? Agora nós já tínhamos uma demanda, está certo? Nós já tínhamos pessoas interessadas nos nossos reativos. O que precisávamos? Começar, começar não, retomar a produção do que a gente já podia, e começar a agregar outros produtos que nós tínhamos competência para fazer. Poderiam não ser assim de grandes avanços tecnológicos, mas poderíamos fazer e com isso atender às necessidades desses laboratórios. Bom, isso realmente aconteceu, a ponto da gente ter... Isso foi crescendo, foi aumentando, a ponto da gente ter hoje 23 produtos sendo distribuídos para mais de 50 laboratórios no país, via esses convênios com a FNS. E hoje a gente tem um grupo de cerca de 30 profissionais. Ou seja, a gente conseguiu...

WH- Nesse laboratório que você até hoje é coordenador e chefe?

AG- Exato. É. Nesse laboratório que eu coordeno as atividades. Não quero com isso colocar para mim o crédito dessas coisas, pelo contrário. Mas só revertemos a lógica do funcionamento dessa área que é extremamente interessante, extremamente lucrativa, entendeu? E com isso soubemos agregar pessoas, pessoas jovens, pessoas que estavam a fim de desenvolver coisas, de crescer, etc, etc e tal. E mais do que isso, não são só produtos e demandas que existem hoje. Na época, se a gente distribuísse 50 mil reações em um ano, era muito. Hoje a gente está beirando os três milhões, três milhões e meio de reações distribuídas no ano. Mas não é isso só, não é só a questão do produto. Porque isso é só a forma de viabilizar nossa existência ou nossa função objetiva de continuar existindo enquanto unidade. Enquanto uma resposta social para nossa função. Mas aliado a isso, nós conseguimos agregar nesse grupo, que volto a dizer: é um grupo bastante jovem e com bastante garra e vontade de desenvolver e evoluir realmente, nós temos aliado a cada grupo de produção, atividades também de desenvolvimento. E é a isso que eu atribuo o sucesso que a gente vê e o crescimento que a gente vem tendo nessa área de reativos em Bio-Manguinhos. É porque a gente conseguiu, realmente, conciliar as atividades um tanto quanto rotineiras de produção, mesclando com atividades de desenvolvimento que buscam interesse. Então a gente diferencia um pouco as pessoas, porque as

peças começam a ficar acostumadas a pensar e não só a praticar, está certo, e a desenvolver coisas e desenvolver idéias. Então a gente tem hoje... Ainda não temos hoje um elenco de produtos assim de ponta, em termos de tecnologia, mas sem dúvida temos um elenco de produtos que estão sendo aperfeiçoados a cada momento em função do grupo que trabalha em produção e desenvolvimento. Hoje a gente tem, fora isso, alguns projetos bastante interessantes que eu poderia considerar assim quase que de ponta em termos de tecnologia, utilizando, por exemplo, antígenos recombinantes, utilizando metodologias para produção de proteínas de recombinantes. Então isso é uma virada, isso é atuação em um outro patamar em termos tecnológicos.

WH- Juntar tecnologias de outras áreas, não é? De bioquímica....

AG- Ah, sim! Não tenha dúvida! De bioquímica...

WH- Engenharia genética...

AG- Pôxa, terminamos de investir 150 mil dólares só na aquisição de equipamentos analíticos na da área de bioquímica, Para quê? Para sustentar e dar suporte a essas atividades de desenvolvimento, principalmente!

WH- Até porque é a base, do tipo de...

AG- Então, exatamente!

WH- Pesquisa, não é?

AG- É. Então a gente hoje, a gente está começando a ficar mais próximo – é claro que existem outras coisas, outros desenvolvimentos no país inteiro – mas a verdade é que hoje a gente tem condição de pelo menos acompanhar o que está acontecendo assim na crista da onda, digamos, assim no que se refere a reativo para diagnóstico, no que se refere à biotecnologia em termos de diagnóstico hoje no mundo. Então, a gente ainda continua com alguns produtos antigos que têm a sua utilidade, por isso a gente não pára de fazer, mas a gente não pára de investir. E um outro dado que eu acho que é muito importante que foi fundamental até para esse desenvolvimento nosso, porque o nosso grupo é muito jovem, é a característica que eu tentei imprimir nesse grupo todo. É a característica de baixar um pouco nossa bola. Ou seja, não nos considerarmos sabichões da nossa área e sim uma das engrenagens dessa máquina toda. E por que é que eu estou dizendo isso? Porque o nosso grupo tem a humildade, e isso já virou uma característica nossa, de ir buscar interações com os grupos de pesquisa. Coisa que na área de vacinas é muito difícil! Mas na área de diagnóstico a gente tem. Então hoje tem laços estreitos, projetos conjuntos de desenvolvimento com o pessoal do Samuel Goldenberg em biologia molecular, com o pessoal do Zé Paulo na área de virologia, alguns ensaios de enteroparasitoses, de vírus de diarreia. Temos contato aqui com o pessoal da bacteriologia, das enteroparasitoses, da Doutora Dália. Enfim, temos uma série de interações sendo constantemente exercitadas com projetos comuns. A gente busca o quê? Desenvolvimento de reagentes junto com o pessoal que está na crista da onda em termos do conhecimento daquelas patologias. Então, por exemplo, hoje o Zé Paulo talvez seja uma das pessoas que mais saiba, o que mais esteja na liderança nacional em termos de diarreias virais. E é com ele que a gente está desenvolvendo algumas coisas, juntos. Para quê? Para que a gente vá tentando trazer para uma aplicação objetiva o fruto desse desenvolvimento, o fruto do trabalho dele que. Aí é que está o ‘quê’ da questão. A partir do momento que a gente consegue isso, pronto, transforma isso, dá um *approach* aqui, dá uma transformada nisso num produto e quase que imediatamente, está colocando isso para o uso da sociedade, entendeu? Por

quê? Porque a gente tem como colocar isso nos laboratórios. A gente tem uma relação direta com todos os LACENs. Isso por quê? Porque a gente está conseguindo manter uma interação interessante. Estamos conseguindo manter esses convênios com o FNS, entendeu? Então recursos para sustentar a nossa atividade, além dos recursos da própria Fundação e da política de Bio-Manguinhos que são em geral suficientes, a gente ainda tem esses reforço, entendeu.

WH- Vocês vendem esses antígenos?

AG- É. Na verdade a gente não tem. Na verdade a gente estabelece convênios, a gente não define demandas, a gente faz...

WH- Não define demandas, como assim?

AG- É. A gente não define – me desculpe – os quantitativos das demandas, a gente faz um acordo mais ou menos de cavalheiros com a FNS, dizendo assim: “Olha, FNS, tudo que vocês precisem, a rede, os laboratórios que vocês precisarem e a gente puder atender. Em contra-partida, a gente está precisando, olha, de um certo recurso para equipamento, de mais recurso para material de consumo, outro recurso para passagens diárias, de viagens, de uma série de coisas, assistência técnica”.

WH- São projetos escritos ou são acordados...

AG- Não, não! São projetos protocolados, assinados e controlados por ambas instituições. São convênios! Entendeu? Que determinam isso: repasse de produtos para a rede de laboratórios, e, em contra-partida, o repasse de recursos para sustentar as nossas atividades. Essa fórmula tem sido boa.

WH- Basicamente equipamentos, viagens...

AG- Equipamentos, tudo que a gente quisesse!

WH- Estagiários?

AG- Eles têm! Estagiários têm sido difíceis, porque eles também não têm recursos para isso. Então, claro que tem de ser dentro da possibilidade que eles têm também. Mas essa relação tem sido bastante interessante, porque tem sido vantajosa para todo mundo! E o recurso fica na área pública. Isso ainda também é importante ser colocado. Nós estamos encontrando um mecanismo de sobrevivência, de desenvolvimento, de interação institucional, entendeu, com o objetivo dar uma resposta social bastante imediata, o mais rápido possível. E eu tenho que falar que isso tem funcionado mesmo. Tem dado muito resultado, de verdade! Então hoje o reativo é isso. Hoje o reativo é um grupo de pessoas jovens que estão buscando fazer produção e desenvolvimento ao mesmo tempo, está certo? A nossa produção também, isso é importante dizer, não é como a produção de vacina, que a pessoa trabalha na produção de segunda a segunda, o tempo todo, fazendo aquela coisa só porque a gente precisa produzir 30 milhões de doses de vacina por ano.

WH - Tem uma implicação e um controle muito mais sério, não é?

AG - Não, o controle... Sim. Tem controle. Mas o nosso também tem, a gente também tem...

WH - Não, mas eu digo o controle do produto. Quer dizer, para você colocar uma vacina no mercado, digamos assim, ela passa por testes que o reagente não necessariamente passa.

AG- Sim, não passam pelos mesmos! Mas passam também por testes importantes. Porque, é claro que uma vacina numa criança se tiver algum problema é complicado, existem complicações. Mas um resultado de diagnóstico também errado, pode causar complicações bastante graves. Não quero dizer com isso que os reativos são muito mais importantes do que as vacinas, nada disso. Só quero dizer que são coisas diferentes, mas que também são tratadas com a mesma seriedade, com o mesmo grau de exigência. Tem que ser tudo muito bom. Não tem jeito, entendeu?! Porque é com isso que a gente está sustentando essa instituição com esse nome, esse renome internacional. Então, quer dizer, é claro que problemas existem. Problemas isolados como na vacina, eventualmente, podem vir a acontecer. A gente viveu isso há algum tempo atrás, mas nos reativos, eventualmente, a gente também vive alguns, um ou outro problema isolado.

WH- Que tipo de problema?

AG- O problema, em geral, nos reativos, o que acontece é que a gente... Todo produto biológico... Os reativos nada mais são... Os kits de diagnóstico nada mais são do que alguns insumos biológicos colocados de uma certa forma, padronizados e ajustados para que funcionem dando uma resposta assim ou assado. Bom, o que em geral... Não é em geral, desculpe, o que eventualmente pode vir a acontecer é que o que deveria dar um diagnóstico, eventualmente, pode não dar um diagnóstico adequado. Ou seja, o produto não funcionar num diagnóstico adequado. E aí a gente vai buscar as causas disso. Em geral, o que pode acontecer, e o que a gente tem visto porque a gente sempre faz as supervisões, faz os treinamentos, vai corrigir problemas... Não é para dizer que a nós somos bons não, mas em geral os problemas estão nos próprios usuários que fazem um mau uso do produto ou então – como já aconteceu em algumas vezes – há uma certa negligência no transporte desse material e, em consequência, ele chega lá sem a atividade adequada. Há uma deterioração do produto nesse meio de caminho, até da saída daqui, a remessa por avião e, às vezes, a chegada desse produto em algum outro local. Por exemplo, em Rondônia ou em Roraima ou no sul do país ou em algum outro lugar que tenha um pouco mais de complicação, algum desleixo de quem vai pegar esse material, etc, de que ele não fique conservado adequadamente, conseqüentemente ele não vai manter as suas características que deveriam ...

WH- Isso está tudo tecnicamente especificado, não é?

AG- Sim, não tenha dúvida! Todos os produtos estão acompanhados...

WH- Mas Bio-Manguinhos não faz essa fiscalização, esse controle não, né?

AG- Como assim?

WH- Da parte de transporte, de...

AG- Sim, veja bem, isso não tem como.

WH- ...de treinamento, do cara que está na bancada que vai fazer esse teste...

AG- Aí a gente faz alguma coisa. Porque a gente apóia alguns programas. Então, um exemplo que eu vou dar: há três semanas atrás eu não pude fazer a entrevista com você porque estava em Roraima fazendo um treinamento, implantando duas técnicas no laboratório central de Roraima. Então a gente também faz esse tipo de trabalho, porque é interesse nosso também, está certo? Fazer por quê? Porque é mais um usuário, mais uma pessoa que vai usar os nossos produtos. Sem contar que não é

nem só pela questão dos nossos produtos, é mais uma comunidade, é mais uma população que vai ter acesso a diagnóstico, está certo? Um diagnóstico bastante preciso. Então é isso que a gente vem fazendo.

WH- Você estava falando dos problemas que vocês têm enfrentado na produção.

AG- É. Os problemas que... nem tudo...

WH- Que o único que você se preocupava era com o transporte e a utilização

AG- É. Não tem dúvida, isso pode acarretar. Pode vir a acarretar. É. Mas o que eu queria, agora vamos falar um pouco dos problemas. Porque nem tudo na área de reativos são flores, lógico! Então, quer dizer, a gente tem tido alguns problemas. Atualmente, inclusive esse ano, tem sido, em especial, bastante complicado para gente em função de um sinistro, um acidente. Houve um incêndio no nosso laboratório. Quando a gente estava começando a arrumar a nossa casa, não é? Porque desde que a gente começou a reestruturar os reativos, a gente começou a se expandir um pouquinho, a buscar um pouquinho mais de espaço, a adequar os espaços que a gente tinha às nossas novas atividades, não é? Isso tudo requer o quê? Uma grande habilidade de convencimento das pessoas, que ninguém quer perder espaço, quer perder nada, quer perder gente, não é? E, ao mesmo tempo, além desse trabalho junto ao pessoal, existe todo um trabalho junto à própria unidade, porque o resto da unidade está vendo o crescimento do reativo e também está incomodando um pouco as outras áreas de produção de vacina.

WH- Ah, é?!

AG- É. Isso incomoda um pouquinho. Existem sempre algumas (*inaudível*)

WH- Existem ciúmes internos?

AG - É óbvio. Eu acho que isso em qualquer lugar existe. Mas isso é uma coisa que a gente, em função do trabalho e dos resultados que vêm sendo obtidos, vem minimizando ao longo desses últimos, pouquinhos anos. Enfim, o que eu queria chegar era, por exemplo, esse ano está extremamente difícil para gente porque nós no início do ano, em março...Acho que foi março... Eu perco um pouco essa coisa de data, me desculpe, mas... Mais ou menos em março desse ano, assim que nós estávamos com o nosso laboratório mais ou menos organizado... Tínhamos conseguido algumas pequeninas reforminhas assim e tal... Nós tivemos um incêndio no laboratório. Então com o incêndio nós perdemos toda a nossa estrutura. A rede elétrica, na verdade, do Pavilhão Rockefeller estava, realmente, com muitos problemas. E em função de um curto-circuito nós realmente tivemos um... Nós perdemos o nosso local de trabalho. Não perdemos equipamentos. Não tivemos grandes perdas assim em termos de equipamentos, não, e nem de materiais. Mas perdemos todo o nosso espaço porque comprometeu toda a estrutura elétrica do prédio, entendeu? E principalmente do nosso andar, da nossa área de laboratório, o que nos forçou a pedir uma reforma geral naquela área, não é? O que está sendo feito com muitos atrasos e que até o final do ano eu espero que esteja pronta. Mas isso então... (*interrupção da fita*)

Fita 3 - Lado B

WH- Vocês saíram...

AG- Então, nós saímos de uma área mais ou menos com doze salas e viemos para cá, numa área que estava esperando uma reforma também do Departamento de Desenvolvimento, entendeu, para que a gente não parasse de todo as nossas atividades. Um par de salas ali, de uma forma bastante espremida. Estamos tendo o apoio e a solidariedade de todas as outras áreas de Bio-Manguinhos, o que está sendo muito interessante, porque para a gente não parar, nós só diminuimos um pouco a nossa atuação em desenvolvimento, mas a parte de produção em função de todos esses compromissos, nós não pudemos parar.

WH- Vocês mesmos produzem.

AG- Sim. Nós mesmos produzimos!

WH- Nesse espaço físico aqui.

AG- Nesse espaço físico e com a ajuda de outras áreas que os outros setores, os outros departamentos estão cedendo para a gente. A gente está usando bastante o laboratório P3, aqui da área de desenvolvimento. Estamos usando um bocadinho, bastante, a área do controle microbiológico também. Estamos usando também aqui em cima, no 5º andar aqui, o Departamento de Virologia. Nós temos lá um laboratório híbrido que é nosso dos reativos e também da área de pesquisa. Inclusive eu até esqueci de comentar...

WH- Da área de pesquisa! Como assim?

AG- É. Porque aqui no 5º andar é o Departamento de Virologia do IOC. É a parte de hepatites virais, mas ali nós temos um conjunto, porque nós... O laboratório de hepatite nosso, da área de reativos funciona dentro do...

WH- Do Departamento de Virologia.

AG- Dessa área, desse Departamento de Virologia.

WH- O departamento está aqui por que razão?

AG- Bom, isso vem a alguns anos. Isso já funcionava aqui no 5º andar. Depois o que aconteceu é que o Departamento de Virologia expandiu tanto que eles construíram uma outra área grande lá no Cardoso Fontes, não é? Conseguiram uma área, fizeram uma ampliação daquele prédio, e estão lá. 70% do pessoal da virologia está lá. Mas 30%, que é toda a parte de hepatites virais, continua aqui, permaneceu aqui junto conosco.

WH- Tem relação com a produção aqui?

AG- Sim! Nos trabalhamos já em reativos para hepatite.

WH- Hepatite, não é?

AG- É. Hepatite B.

WH- Os pesquisadores fazem também controle ou fornecem...

AG- Não, não, não, não! Eles dão um apoio científico. Não, nenhum apoio em termos de...

WH- Porque isso é que é uma coisa que eu queria até te perguntar, porque a gente foi falando, falando, falando e eu já fiz um monte de observações e comentários aí, questões aqui...

AG- Pode perguntar.

WH- Você falou que nesse tempo, provavelmente, em seis anos, desde 90...

AG- É. Mais ou menos. Cinco, seis anos.

WH- Cresceu muito.

AG- Cresceu bastante.

WH- Inclusive a quantidade de produtos e os tipos de produtos, não é?

AG- Sim! Os tipos de produtos, pessoas, estrutura física, equipamentos.

WH- Eu queria te perguntar justamente – eu estou pensando agora mais na parte de produto – como é que é a incorporação desses produtos novos nesse laboratório? Ou seja, quais são os critérios? De onde eles vêm? Vocês desenvolvem ou eles vêm de algumas áreas dentro da Fundação ou de fora? Eu queria saber como é que esse processo de incorporação de produtos na pauta do laboratório? Eu queria que você me explicasse um pouquinho.

AG- Está certo. Eu vou te explicar, vou tentar te explicar, mas existem muitas formas disso acontecer. Em outras palavras, se existe alguma possibilidade, se existe algum espaço, nós ocupamos. Ou seja, se a FNS, a partir de hoje me diz assim: “Ó, eu preciso de um reativo assim, assim, para leishmaniose” e se eu tenho condição de fazer, eu automaticamente adequo as minhas condições para poder atender a essa demanda que foi solicitada. Por outro lado, também, outros produtos não são dessa maneira. Outros produtos o quê? A gente tem desenvolvimento conjunto, por exemplo, quer ver um exemplo? Há quatro anos atrás o Zé Paulo tinha um produto que já tinha sido utilizado por um bom tempo e tal. E que a gente olhava e que já tinha sido até desenvolvido, mas estava parado, lá, no laboratório do Zé Paulo. Nós fomos lá, nós falamos: “Zé, isso é um produto que tem um...”. Aliás, o Zé Paulo veio para gente, falou: “Toninho, isso é um produto que tem demanda, as pessoas precisam, a gente não condições de fazer”. Você não tem um ensaio enzimático para detecção de adenovírus e rotavírus em fezes humanas. É um produto importante. Porque realmente a gente tem muitos casos de diarreias virais no país, apesar disso não ser muito propagado, mas é uma doença importante no meio da Saúde Pública. Bom, mas o que aconteceu? Ele me perguntou: “Toninho, você não quer ver se a gente faz isso?” Eu falei: “Bom, vamos pegar esse negócio!” Então conversamos e trouxemos para o laboratório tudo o que ele tinha lá como base desse produto. Fizemos uma série de melhoramentos e modificações para o aperfeiçoamento dele. Depois fui com o Zé Paulo a Brasília para negociar a implantação disso. Ou seja, o estabelecimento de uma rede de laboratórios no país. Foi muito interessante. Em função do estabelecimento...

WH- Para criar uma demanda, você quer dizer.

AG- Para criar... É, a demanda existia, só precisava ser organizada ou coordenada ou adequada. Então o que nós fizemos foi fazer esse papel. Quando eu digo para você que existem várias formas

da gente incorporar um novo produto a um elemento que já existe no reativo, é nesse sentido. Atualmente a gente está, mesmo assim, um pouco sobrecarregado em função da pauta de estrutura que a gente está hoje e tal. Mas a gente já está incorporando um novo produto. Porque isso é uma imunofluorescência não para HIV, mas para HTLV 1 e 2, que são dois outros retro-vírus muito importantes em termos de incidência na população em geral, em torno de cinco a seis vezes mais do que do HIV. Mas é uma doença mais lenta, é uma leucemia que tem alguma relação com algumas... algum comprometimento e alguma vinculação a neuropatias. Em geral, isso não está na mídia, não está nos jornais. Então, talvez vocês não tenham ouvido falar muito disso. Mas a gente já está incorporando isso também, entendeu? E já vamos estabelecer uma rede para isso. Já fizemos um *workshop* com um grupo da Califórnia que veio aqui, forneceu as células para gente, pegamos isso e já estamos trabalhando.

WH- Quem está desenvolvendo?

AG- Junto com o dr. Galvão e nós.

WH- Ah!

AG- Na verdade, esse produto a gente nem poderia chamar de desenvolvimento. A gente está adequando esse produto à nossa realidade de produzir, à realidade do país, de um similar. Essa é a questão.

WH- Pois é, essa outra questão: a passagem de uma produção em escala laboratorial, digamos assim, o pesquisador desenvolve o reagente, faz ele na bancada dele, testa e dá certo, para uma produção de maior porte, não é? Como se dá esse processo? Vocês têm conseguido passar isso ou têm tido problemas?

AG- Algumas coisas são mais fáceis, outras são mais complicadas. Por exemplo, essa imunofluorescência para HTLV...

WH- Tem que ajustar, não é?

AG- É. E algumas coisas são mais fáceis porque a nossa experiência já permite avançar mais rapidamente. Então, vou te dar dois exemplos para fazer isso: em coisa de dois, três meses nós vamos ter assimilado uma tecnologia, adequado ela à nossa realidade de produção, a realidade do país de utilizar isso e vamos botar isso para usar mesmo, em três meses talvez, quatro meses no máximo. Em contrapartida, - isso no caso da HTLV – por exemplo, a gente está a três anos, seguramente há três anos, trabalhando em cima do quê? Da obtenção dessas proteínas recombinantes, que eu estava te falando ainda agora, de doença de Chagas que foram desenvolvidas pelo Samuel e pelo Marcos Krieger na biologia molecular, sem ter conseguido consolidar ou obter de fato um produto. Em função de outra complexidade, são outras metodologias que estão envolvidas.

SK- Esse é aquele produto do Samuel que ele tirou patente?

AG- Sim, exatamente! Exatamente esse. E nós estamos a três anos debruçados nele.

WH- Que tipo de ajustes tem que ser feitos?

AG- Nesse caso?

WH- Como eu não conheço muito dessa área, eu queria que você me explicasse um pouco mais.

AG- É. Veja bem, no caso – vou usar os mesmos exemplos, está certo? – no caso dos HTLVs, o que a gente teve que adequar? A gente teve que adequar as ampliações das culturas celulares, entendeu? As ampliações de vírus e das culturas normais que são o insumo para haver esse produto, está certo? Então nós tivemos que aumentar a quantidade disso ou a escala de produção dessas células. Isso é uma coisa que a gente já tem uma certa experiência. Então, para nós foi relativamente fácil. E usando até a experiência que a gente já tinha acumulado da produção de imunofluorescência de HIV, a gente pôde quase que transportar de imediato uma coisa para outra. Então foi uma coisa, para nós, relativamente simples. Por quê? Porque a gente já tem uma boa experiência. Já nessa questão dos recombinantes do Samuel, tudo para o nosso grupo era novo, inclusive as metodologias de biologia molecular. Então quer dizer, tudo. Fora isso, essas proteínas recombinantes são expressas em bactérias, em *Escherichia coli*. Os processos que são usados para purificação dessas proteínas do resto da bactéria como um todo, são fáceis para serem feitos em uma bancada, o que a gente chama analiticamente, entendeu? Numa bancada de pesquisa é fácil! Porque aí se faz uma pequena coluninha de separação de... Enfim, você tem um modelo. Agora, para você ampliar para uma outra escala com esse tipo de metodologia, já não é fácil. Tanto que a gente está buscando, isso é uma alternativa, fazer isso *in loco*. Fazer o que se faz numa bancada analítica numa maior escala. Isso não é tão... existem ajustes mas não é tão difícil. Mas nesse caso em especial, a gente não está só aumentando a escala não, a gente está mudando os processos, porque esses processos são extremamente caros, inviáveis para se trabalhar em produção. Então a gente está tendo que seguir outros caminhos, entendeu, para chegar aonde o Samuel...

WH- Ao mesmo resultado.

AG- Ao mesmo resultado. E isso é que está sendo um bocado complicado. Mas que a gente com esse último investimento que nós fizemos nesses cento e tantos mil dólares que a gente comprou todos esses equipamentos...

WH- Esses equipamentos.

AG- A gente está agora com uma expectativa muito grande. Nós estamos trabalhando bastante nisso. A gente acha que logo, logo a gente está chegando a um resultado adequado final.

WH- Quer dizer, a técnica de antígenos recombinantes, você tem que manter... Você não tem nem como trabalhar, mas talvez adequar ela a uma escala maior. Não é isso que você está querendo dizer?

AG- Não é tão simples. Porque esse modelo sim, esse modelo. Mas pode, existem outros modelos que talvez a gente tenha menos dificuldade.

SK- É isso que eu ia te perguntar. Quer dizer, a dificuldade nesse caso é uma coisa específica do produto do Samuel ou é uma coisa que você situa mais em função de ser uma metodologia de biologia molecular?

AG- As duas coisas. Mas em especial esse modelo que o Samuel utilizou que é um modelo de *Escherichia coli*, que é um modelo extremamente difícil para os processos de purificação posterior. Hoje, a gente já tem outros vetores. O Samuel mesmo, o grupo do Samuel mesmo, já desenvolveu essas mesmas proteínas, só que em vez de ser com beta-galactosidase na *Escherichia coli*, com glutatona. E isso vai facilitar e muito o nosso trabalho posterior. Mas isso foi em função do quê?

Das alternativas que a gente está buscando! Entendeu? Porque não me adianta reproduzir o que o Samuel e o Marcos, fizeram lá. O que eu preciso é chegar ao produto que eles chegaram, ou seja, à mistura de proteínas recombinantes no estágio de purificação que seja adequada ao ensaio, aos testes que eu preciso padronizar. Mas eu estou tendo que fazer outros caminhos para chegar lá. Porque o caminho que o Samuel utilizou, só dá para trabalhar numa escala de bancada, não dá para trabalhar numa escala de produção. Mas a gente está chegando lá. E isso está sendo importante para nós! Porque isso é para nós desenvolvimento mesmo! Sabe, isso para nós é desenvolvimento. Esse *scale up*, na verdade não é um *scale up*, não é simplesmente, neste caso, um aumento de escala não. A gente está tendo que buscar alternativas para poder chegar ao resultado que eles lá chegaram. E isso está sendo importante.

SK- E isso está sendo pensado junto? Vocês estão trabalhando nessa mudança juntos?

AG- É, relativamente sim. A gente tem um bom contato. Mas essa parte já é mais nossa do que deles. Porque a experiência dele é nessa área de biologia molecular e tudo mais. É claro que eles nos ajudam também em muitas coisas, não é?

SK- Mas não é um projeto que está sendo levado em comum...

AG- Não. Isso já é uma coisa nossa. Tudo que a gente chegar... É uma coisa conjunta sim. Mas o que eu estou querendo dizer é o seguinte: esse trabalho...

SK- É responsabilidade de vocês.

AG- ...esse desenvolvimento, é nossa responsabilidade. A gente está tentando dar conta disso aqui. E eu acho que agora a gente está num bom caminho e a gente vai chegar. Foi muito importante para nós trazer um consultor, um professor extremamente gabaritado do Fundão. Ele está sendo o nosso consultor já há dois anos. Ele está ajudando demais a gente.

WH- Você tava falando desse professor do Fundão.

AG- Sim, o professor Godinho. O professor Godinho, nós conseguimos trazê-lo. Ele é um bioquímico de primeira linha, do primeiro time sem dúvida! E ele, além disso, está formando pessoas do nosso laboratório. Ele, realmente, está sendo esse diferencial para a gente. Ou seja...

WH- Ele está fazendo...

AG- ...tem certas coisas que valem a pena. Ou melhor, tem alguns momentos em que você tem que comprar a coisa, entendeu? Ou seja, se eu não trago o Godinho vou pastar aqui mais uns dez anos para chegar aonde eu quero. Mas com a experiência que ele trás acumulado, consigo, não tenho dúvida, o recurso humano é fundamental para esse nosso avanço. Então ele realmente está dando um diferencial muito importante para o nosso grupo, entendeu? E possibilitando o nosso avanço.

WH- Em que área?

AG- Nessa área de bioquímica, de purificações, de isolamento, de frações, de tudo.

SK- Como é o nome dele?

AG- É. Professor José Godinho da Silva Júnior.

WH- Eu ia te perguntar, inclusive você tocou nesse tema. É claro que ao incorporar maior quantidade de produtos, você acaba trabalhando com espécies de tecnologias muito maiores, não é?

AG- Maior! Não tenha dúvida!

WH- E a partir daí você tem que investir na formação das pessoas.

AG- Sim, não tenha dúvida!

WH- Que tipo de investimento está se fazendo além desses que você está falando agora?

AG- Todo! Todo! Não tenha dúvida, quer dizer, o próprio pessoal da gente, entendeu? Tudo que a gente tem de possibilidade de botar o pessoal para fazer um curso, um treinamento, coisas que sejam válidas, dentro dessa área, a gente investe, a gente quer fazer. Porque a gente pode botar o pessoal para trocar idéia, para fazer um estágio, para fazer uma coisa... Tudo o que a gente pode, a gente faz. Eu tenho que ser justo, dentro de Bio-Manguinhos tenho conseguido junto à direção apoios que são fundamentais.

WH- Pois é, eu ia até te pedir para me dar um pouco mais de dados concretos. Por exemplo, teu laboratório, teu pessoal, tem contato com outras instituições nacionais ou internacionais que trabalhem nessa área para treinamento, para aprofundar técnicas?

AG- Não é tão fácil! Não, não é tão fácil!

WH- Para o desenvolvimento de projetos comuns?

AG- Sim. Isso sim. Interações, intercâmbios técnico-científicos, isso sim. Além desses que eu te falei que são aqui dentro da própria Fundação, a gente tem um contato muito próximo por exemplo, com o [Instituto] Ezequiel Dias em Minas Gerais, com o pessoal lá do LASP, da Bahia, com o dr. Galvão que ajudou um pouco a gente nisso também. Enfim, a gente tem algumas possibilidades. Ainda é um pouco restrito, porque essa área de reativos para diagnóstico, fora daqui, ela é muito competitiva. Ou seja, a gente trabalha nela de uma forma que a gente está usando alguns espaços que são assim de menor interesse, talvez. Algumas têm pouco interesse, algum interesse relativo, mas são de menor interesse. Mas a área de reativo para diagnóstico é extremamente competitiva, extremamente feroz. Não existem cursos! Ninguém dá um curso para ensinar a produzir um reativo assim ou assado. Ninguém dá curso!

WH- Não. Você pode fazer um curso de técnicas....

AG- Sim, mas em geral nesses cursos em relação às técnicas que a gente trabalha, a gente é que dá os cursos (*risos*). É o inverso da coisa. Mas não vou dizer que nós somos os melhores, não é isso! É claro que nós temos muito para aprender, mas o que eu quero te dizer é que as coisas não são assim tão fáceis quanto, por exemplo, fazer cursos de bioquímica, que existem vários para gente fazer, fazer cursos de pós-graduação, fazer mestrado e doutorado. Não são tão fáceis. Agora é que está começando, a gente está começando a visualizar alguns espaços nisso, não é? Agora a gente está com uma pessoa, por exemplo, que acabou de entrar aqui, o Emílson, já está fazendo mestrado junto à Rural, entendeu? Mas em quê? Em microbiologia veterinária. Por que isso? Porque a gente tem um

grande potencial de atuar também na área veterinária, para algumas coisas como leptospirose, por exemplo, que é de muito interesse. Então a gente procura conciliar alguma coisa que é mais geral, como, por exemplo, microbiologia veterinária, com o interesse nosso. Nós temos interesse também, em algum momento, de penetrar nessa área veterinária. Então, de alguma forma a gente tenta vincular, não é? Ir ocupando algum espaço maior assim, entendeu? Não é fácil, agora a gente realmente tem tentado dar bastante apoio ao nosso próprio grupo no sentido de participar de quase todos congressos que têm. A gente sempre tenta sempre ir, participar, conhecer pessoas, discutir com pessoas, se projetar, promover os produtos da gente. A gente eventualmente, eventualmente não, quase que rotineiramente está fazendo importação de técnicas, não é? Está dando curso no pessoal, está recebendo algumas pessoas aqui. Enfim, a gente está buscando. É aquela velha história, entendeu? Se der algum espaço a gente está ocupando. Essa é mais ou menos a política que a gente está usando aqui.

WH- E fora do Brasil?

AG- Fora do Brasil é um pouco mais difícil porque tem tanto para fazer aqui, que de verdade, a gente não está usando muito realmente... Muito não, a gente não está usando nada do exterior. A gente não tem as pessoas. Existem algumas, a gente tem ensaiado algumas interações com algumas empresas estrangeiras, no sentido de quê? De estabelecer produtos em conjunto ou estabelecer intercâmbios para comercialização de produtos ou venda de produtos e tal. Mas esses ensaios não têm se transformado em algo concreto não. A verdade é que essa relação de interação não tem sido muito boa.

WH- Você pode dizer que grupos são esses, de onde eles são?

AG- Sim! Nós estávamos negociando, tentando estabelecer um intercâmbio com o pessoal da (*inaudível*) da Argentina, por exemplo. É uma empresa que tem uma série de produtos de diagnóstico, alguns inclusive bastante mais avançados que os nossos. A Biotec da Espanha também, entendeu? Tem duas empresas agora, uma se chama Universal que é associada a uma outra empresa chamada Novatec, que está querendo que a gente produza e distribua um tipo de reagente que eles têm aqui no Brasil. Enfim, vira e mexe tem algumas coisas acontecendo, mas de fato mesmo não conseguimos concretizar essas relações. Porque envolve assim uma dinâmica que a estrutura da Fundação não tem capacidade de absorver, sabe? Nessa área de diagnóstico as coisas têm que ser rápidas. E aqui a gente tem que esperar as decisões em nível de direção, de Asplan, de presidência (*risos*), de jurídica, que em geral é onde param todas as coisas, está certo? A gente não tem conseguido concretizar essas coisas.

WH- É, mas eu estou falando não só pelo lado da produção mesmo, não é? Mas você está me dizendo que uma coisa que você tentou trabalhar nesse laboratório, imprimir, uma orientação é que as pessoas não só estão ligadas à produção como também à pesquisa e desenvolvimento. Não é isso?

AG- É.

WH- Então nessa área especificamente, eu sei que na parte de produção é mais complicado, você tem toda a questão patente, não é? Você pode, enfim, criar conflitos desse tipo. Mas nessa área de pesquisa, especificamente...

AG- Já estou entendendo aonde você quer chegar.

WH- ...vocês estão investindo em contatos, etc, etc?

AG- Sim, mas esse contato que se dá é interno, é na Fiocruz. Através desses contatos internos. E esses contatos internos, esses sim, aí eles têm vários intercâmbios, vários contatos com todo mundo. Aí é outra coisa, mas a nossa...

WH- Mas no teu laboratório particularmente?

AG- O nosso laboratório em geral está trabalhando direto com esses dentro da própria Fundação.

WH- Ah, agora eu entendi!

AG- E esses grupos são de ponta.

WH- Vocês aqui trabalham com o DBBM, com o pessoal da virologia.

AG- Com o Zé Paulo da virologia, com a Clara na hepatite, com a Ana. E essas pessoas têm milhões de contatos e fazem outra ponte.

WH- Entendi.

AG- É mais ou menos assim que a banda está tocando ultimamente.

SK- Essa equipe, Toninho, que você falou que já está junta a um tempo, qual é a formação dessas pessoas? Elas são recrutadas aonde?

AG- Veja bem, ao contrário do que a gente tem na unidade, em Bio-Manguinhos, em que a gente tem uma pirâmide que é mais ou menos pouquíssimo... menos nível superior e muito nível médio, no nosso laboratório em função até dessa característica de pesquisa em desenvolvimento, a gente tem quase um retângulo. A gente tem técnicos realmente diferenciados, são pessoas que não são técnicos simplesmente de pingar isso e fazer aquilo... de executores. São técnicos diferenciados. Na verdade, eu acho que hoje são poucos, poucos, inclusive os que têm cargos de técnicos que já não têm nível superior. Entendeu?

SK- Nível superior com formação em quê? Em química?

AG- É. Não. A maioria são biólogos, está certo, tem um controle...
(ruído) (pausa na gravação)

WH- Você estava falando do tipo de formação dos técnicos.

AG- É. Então é isso. O pessoal que eu tenho hoje trabalhando comigo quase todos têm nível superior. Alguns nem têm cargo na Fiocruz de nível superior, mas quase todos têm formação em nível superior.

SK- Mas a nível graduação ou já investindo em pós-graduação?

AG- De graduação. Pós-graduação quase... Talvez quase que metade já tenha especialização. Temos duas pessoas fazendo mestrado. Tem mais uma menina com mestrado. Então, quer dizer, eu acho

que até o meio do ano que vem nós teremos três com mestrado e mais, talvez, uns oito com especialização. O resto do pessoal, quase que todos têm cargos de técnicos mas são de nível superior também, graduação.

SK- E biologia, a maior parte?

AG- É, a maior parte é biologia, eu fiz química, não é? Mas depois fiz especialização em microbiologia. Tem uns dois que fizeram bioquímica e o resto, eu acho que todo mundo é biólogo. Mas o grande grupo mesmo é biólogo. E não é à toa que é biólogo. Aliás, na Fundação como um todo, na Fundação Oswaldo Cruz, você vai ver que tem um grande número de biólogos. Por quê? Porque na verdade são as pessoas vêm para cá para fazer estágio e acabam ficando, está certo? Por quê? Porque começam a se aprimorar, começam a se aperfeiçoar e as pessoas não querem perder essas pessoas. E essas pessoas em geral vêm aqui estagiar porque a Fundação exige quase que na sua totalidade, horário integral de estágio – porque a gente está trabalhando com bolsa e tal, tudo isso, então em geral é horário integral – e quem pode fazer treinamento em horário integral? Quem estuda nas universidades privadas! Porque quem é do Fundão, quem é da UERJ, quem é da Fluminense, por exemplo, fazendo farmácia, é horário integral lá. Então não tem tempo de vir fazer aqui, só depois que acaba lá! E aí talvez já esteja engajado em alguma outra coisa, aí já é mais difícil entrar, enfim. É a mesma coisa, entendeu? Medicina é a mesma coisa, biomedicina. Então, quer dizer, a gente tem tido... Não sei se é uma estratégia correta da Fundação, mas a gente tem observado isso. A gente tem muito biólogo por quê? O pessoal que vem da Souza Marques, que tem o dia livre, pode fazer à noite, estudar à noite! O pessoal que vem da Gama Filho, o pessoal que vem da FAUP, o pessoal que vem... Veja bem, é uma coisa engraçada, não é? Porque na verdade eles vêm de cursos que teoricamente são piores, não é? São ruins em termos de graduação... Mas por outro lado, saem muito na frente quando acabam o curso. Porque eles têm todo um tempo de experiência aqui dentro, em outras áreas, mas principalmente aqui, do que o pessoal que simplesmente fez a graduação normal numa boa universidade, num Fundão, numa UFF ou numa UERJ, mas que chegam aqui muito crus demais. Só com o conhecimento acadêmico! Então, quer dizer, tem esse choque. Então a opção em geral... Quer dizer, a gente tem tido aqui isso, essa característica. A maioria do pessoal estudou nas universidades privadas.

SK- E vocês são procurados por essas pessoas das universidades, enfim, essas que estão mais qualificadas teoricamente? Vocês são procurados depois que essas pessoas se graduam, terminam? Existe uma demanda por parte dessas pessoas no sentido de se engajar aqui na Fundação ou o recrutamento se dá mais ao longo da graduação?

AG- É. Aí é que está, entendeu? O que eu vejo, não é?, Eu não tenho dados para isso, não tenho nenhuma análise mesmo assim que eu possa dizer. Mas o que eu vejo assim... pelas pessoas que eu vejo, que conheço e tudo mais... A coisa se dá muito mais desse jeito que você está falando. Ou seja, durante a própria graduação as pessoas se chegam e começam seus estágios, começam sua especialização profissional. Ou seja, vão começando a acumular a sua experiência e depois acabam ficando. Muitas menos pessoas que acabam de se formar lá e depois vêm para cá, para começar um estágio, para começar não sei quê. O que às vezes acontece e a gente tem alunos dessa universidade é que eles saem de lá, fazem as provas para os cursos de mestrado daqui, ou de biologia celular, outro de biologia parasitária ou da própria ENSP, e aí entram para os cursos de mestrado e a partir dos cursos de mestrado eles permanecem aqui. Entendeu? Fora isso não. Então isso é mais ou menos o que eu vejo, mas não sei se isso é tão verdadeiro.

WH- Também é outra questão que eu queria te perguntar. Você falou, no caso das universidades públicas, que como têm um horário muito puxado dificulta o aluno de fazer estágio. Por outro lado, eu queria te perguntar se no caso uma pessoa que... Por exemplo, você entrou aqui a partir desse curso biologia parasitária.

AG- É. Eu invertei todas as lógicas.

WH- E depois você foi terminar sua faculdade.

AG- É. Eu invertei.

Fita 4 - Lado A

WH- Por exemplo, no teu caso, não é? Você fazer faculdade e trabalhar aqui ao mesmo tempo e no caso, por exemplo, investir num mestrado, investir numa especialização. Isso também contém o ritmo da produção se tiver uma demanda a se cumprir. Isso também não dificulta a formação das pessoas?

AG- Claro, não tenha dúvida! Nesse primeiro momento que você tava falando, ou seja, eu invertei toda a lógica do negócio. Pôxa, eu priorizava a minha atuação aqui dentro e depois fazia a minha universidade. O que, em geral, nem aconselho que seja feito de fato, entendeu? Mas foi o que aconteceu para mim. Agora, continuando no meu exemplo, hoje estava com tudo mais ou menos preparado para que eu pudesse até ingressar e fazer um mestrado, meio que paralelo às nossas atividades aqui. Para ingressar no mestrado. Mas em função desse acidente que aconteceu, a gente teve que reformular tudo.

WH- Do incêndio que você tava falando.

AG- Exatamente. Do incêndio que eu tava falando. Então...
(*pausa na gravação*)

AG –Então, já tinha falado da formação... Por causa do incêndio e tal, não sei quê... Isso está me atrasando um bocado. Então agora tenho que esperar retornar à estrutura, reequilibrar as atividades e os núcleos e tudo isso, para que eu possa realmente sair. Porque depois que a gente construiu mais ou menos uma coisa assim, tem muito da gente na forma de fazer, na forma... De repente, deixar isso em função de um aperfeiçoamento individual, no momento, não está dando, entendeu? E para as outras pessoas existem até possibilidades. Nós estamos fazendo isso à medida que dá. Hoje temos duas pessoas. (*pausa na gravação*)

WH- Você tava falando da opção individual, não é?

AG- Sim, às vezes...

WH- Pois é, eu ia te perguntar outra coisa, um pouco para trás, em função dessa coisa que você falou de opção individual de sair, de fazer o mestrado, não é? A única coisa que está me faltando entender é como se organiza o trabalho? Quer dizer, em função de cada produto você tem uma equipe?

AG- É. Mais ou menos.

WH- Como é que funciona isso?

AG- Não, atualmente o laboratório...

WH- A rotina assim, como é que é?

AG- Então. Atualmente o laboratório de reativos funciona com alguns grupos. A gente tem um grupo das bactérias, que a gente tem atividades de leptospirose, hanseníase e agora começando algumas coisas de meningite B. Então para isso eu tenho um grupo. Eu tenho quatro, cinco pessoas para isso.

WH- Isso é complexo, não é?

AG- É, mais ou menos. Mas a minha parte já é menos complicada. A gente só está dando um suporte com um grupo de epidemiologia da Secretaria. Bom. Tem um outro grupo de protozoários, em que eu tenho a atividade, uma coordenação e as atividades em termos de leishmaniose, doença de Chagas e toxoplasmose. Tem um terceiro grupo com as hepatites virais. Eu tenho algumas atividades em hepatite A, B e comecei um pouquinho a questão da hepatite C, mas não deu para continuar, voltamos um pouco atrás. Mas é uma coisa que a gente logo, logo, vai ter que voltar à carga. Tem um quarto grupo que seria o grupo dos outros vírus que eu chamo. A gente tem os retrovírus, HIV, HTLV 1 e 2 agora e mais sarampo, rubéola e as diarreias virais. Parece que são muitos vírus, mas dá para conciliar, um grupo um pouquinho maior também. E tem ainda um outro grupo que a gente está chamando de Insumos e Conjugados, que é um grupo que está crescendo, que tem não só a responsabilidade de fazer o insumo dos reativos em geral, mas também os conjugados, alguns conjugados. É um outro grupo de produtos que nós temos. E agora que está realmente crescendo em termos de toda essa parte de bioquímica e analítica. A gente está investindo nessa área. E fora esses grupos, a gente tem o grupo de controle de qualidade, que está também se consolidando, está certo?

WH- Aqui no laboratório.

AG- É. Veja bem, é um erro isso ainda em termos de estrutura porque o controle não poderia estar sob a mesma coordenação da área de produção. No entanto a gente vem crescendo. Então, isso está sendo afastado aos poucos, está certo? Até que a gente possa ver de fato, ter um afastamento completo das atividades de controle das atividades de produção. Mas, pelo menos, estão sob a mesma coordenação minha. Como eu posso explicar para vocês? Não são as mesmas pessoas que trabalham essa coisa, está certo? A gente tem um grupo fazendo o controle do produto final. Esse grupo está usando as mesmas... digamos, o laboratório como um todo. Estão dentro do laboratório de reativos, mas já estão saindo. Inclusive, com essa reforma a gente está conseguindo um isolamento da área de controle de qualidade. Uma entrada... Ele vai ficar ali, não colado, mas separado. E à medida que a gente conseguir ampliar essa área de controle de qualidade, ela vai ser vinculada às atividades de controle de qualidade da unidade, ou seja, de Bio-Manguinhos. Vai ficar dentro da área de controle.

WH- Não é o INCQS. Porque o INCQS tem um controle de qualidade...

AG- Não, não, não, não! O INCQS... Seria um outro controle. Seria a validação, tudo isso. A gente está falando de controle interno, do produtor. Hoje para entrar no esquema de vacinas, nós temos o Departamento de Produção de Vacinas e os Departamentos de Controle de Qualidade. E ainda a garantia de qualidade. Então, quer dizer, você tem o controle de Bio-Manguinhos.

WH- Mas esse é um assunto complicado, que está na ordem do dia, não é?

AG- Sim, não tenha dúvida!

WH- Vamos falar um pouquinho dessa questão de controle de qualidade. A gente sabe que boa parte, pelo menos em termos de vacinas – não sei se isso se dá para reagente – boa parte da produção de Bio-Manguinhos foi rejeitada no controle de qualidade. E agora tem esse assunto aqui da vacina da meningite que está dando esse alarde todo nos jornais. Como se dá isso? Como se explica uma vacina que tenha a produção rejeitada nesse nível?

AG- São duas realidades distintas: a realidade de vacina e a realidade de reativos. São duas realidades diferentes.

WH- Vocês não têm esse problema aqui em termos da qualidade do produto?

AG- Não, nós não temos esse problema de rejeição, de perdas, nada disso! Pelo contrário. A gente tem uma performance em termos de rendimento bastante legal, bastante superior em termos de coisa. É muito pouca coisa que se joga fora em termos de reativos para diagnóstico. Agora, o caso das vacinas é muito complexo. Eu gostaria... eu não sou a melhor pessoa para responder isso, mas eu não tenho dúvida que o fato de não ter tido investimentos adequados em pessoal e em renovação do que existe em termos de equipamentos, de estrutura dos laboratórios, são fatores, não tenho dúvida, muito importantes para que a gente tenha chegado nesse ponto. Agora, a questão dos controles de qualidade, que eu gostaria, eu acho que vale a pena a gente tocar, é que, pôxa, a gente tem que também pensar no seguinte: atualmente e cada vez mais a gente está incorporando outras ações de controle, não só no processo, mas no produto final. Para você ter uma idéia, hoje talvez controle de qualidade seja mais caro do que o próprio produto!

WH- É verdade.

AG- Isso é uma coisa que cada vez mais...

WH- É, você tem cada vez mais técnicas mais apuradas.

AG- Exatamente! E para vacina isso ainda se redobra, isso talvez triplica, porque a responsabilidade aumenta muito. Porque são produtos de uso humano e tudo mais.

WH- É. Isso que eu ia te perguntar.

AG- Então essa é uma coisa que nos coloca uma necessidade cada vez maior de ter o processo e ter os produtos extremamente controlados. Então isso encarece tudo, isso exige aprimoramento em termos da estrutura de laboratório, exige aprimoramento em termos dos equipamentos e do maquinário utilizado. Isso exige muito, mas muito, muito, em investimento em termos de recursos humanos! O que, realmente, não aconteceu em Bio-Manguinhos, não é? Na verdade se gasta muito dinheiro com algumas viagens, com saídas de pessoas inclusive do país, muitas delas. Mas a unidade, ou as pessoas, não têm conseguido transformar isso em algo que realmente traga o retorno que se necessita, está certo? Então se você for pegar as estatísticas dentro da unidade...

Interrupção na gravação

AG- Não. Mas deixa eu te dizer, dentro dessa questão de controle, se você for pegar algumas estatísticas aí, a gente tem um bom grupo de pessoas que viajou, que saiu para treinamento, que teve

investimento por parte da unidade em si próprio, nos seus técnicos, em seu corpo técnico. Mas de fato isso não foi suficiente para trazer... Eu não quero também dizer que isso é o mais importante, mas não tenha dúvida que, pôxa, o achatamento salarial das pessoas têm sido um fator preponderante. Porque as pessoas têm buscado o quê? Outras atividades alternativas. A dedicação já não é mais a mesma, entendeu? As pessoas têm outras coisas para pensar, outras coisas para se preocupar! Isso também eu acho que tem uma parcela de responsabilidade nesse processo, entendeu? Mas eu não quero entrar no problema das vacinas. Na área de reativos...

WH- Pois é, voltando para essa área de reativos...

AG-...a gente não tem tido esse...

WH- A gente tem cinco minutos para fazer a última pergunta.

AG- Está bom. Ótimo.

WH- Já que você não vai me deixar falar mais que isso. Eu queria te perguntar sobre patentes, Toninho. Eu sei que é uma área que está, inclusive, ainda sendo regimentada, etc, etc. Nesse laboratório, como é a questão da patente dos produtos? Como se lida com isso?

AG- Bom, veja bem, esse é um assunto novo, não é? Esse é um assunto novo mesmo, não é? A gente está tendo a consolidação da Lei de Patentes agora no Brasil. É um campo de conhecimento aqui... Inclusive a própria experiência da Fundação Oswaldo Cruz nesse campo é extremamente difícil e complicada, não é? Talvez vocês possam entrevistar algumas das pessoas que estão trabalhando exatamente com isso e vocês vão ver que isso é muito complicado. Inclusive essas próprias essas patentes do Samuel que estão sendo requisitadas, desses antígenos de chagas recombinantes, ainda não estão concretizados, está certo?

SK- É. é um processo complicado

AG- Tem uma série de complicações. Então se você me perguntar sobre isso, eu vou te dizer o seguinte: que eu já tenho preocupação quanto a isso, eu tenho hoje uma... Eu procuro fazer uma análise bastante crítica, entendeu, do que realmente seria interessante patentear, o que realmente seria interessante buscar. Mas o fato é que eu tenho certeza que isso não vai se dar só com a gente, só com Bio-Manguinhos não. Isso vai se dar como? Nessas interações, por exemplo, que se tem com os outros grupos. Então está arriscado do nosso grupo junto com o do Zé Paulo conseguirmos alguma coisa patenteada, está certo? E aí a gente vai fazer esse processo. Ou seja, eu te falar que eu estou acreditando muito mais na patente vinda da relação pesquisa e desenvolvimento tecnológico aqui nosso, do que propriamente do nosso próprio grupo.

SK- Mas você, então, é favorável ao princípio do patenteamento.

AG- Não, não tenha dúvida! Eu acho que isso é fundamental, entendeu? Porque isso vai servir de estímulo para os próprios pesquisadores, está certo? E além do mais isso vai garantir para os detentores da patente, a possibilidade da exploração disso. Só que a visão minha dessa questão de patente não é a visão do lucro. É a visão da aplicação social, entendeu? Eu não estou querendo buscar uma patente para um benefício particular. Eu estou procurando uma patente para quê? Para que a gente possa utilizar esse produto, claro, angariar recursos para a Fundação, para que se possam viabilizar outros trabalhos nossos. Mas principalmente para quê? Para gente botar esse produto o

mais rápido possível para quem precisa a um custo menor possível. Eu acho que esse é o nosso papel aqui enquanto servidor público.

SK- O laboratório de reativos tem algum processo de pedido de patente?

AG- Não, não tem. A gente não tem nenhum.

SK- Nem em vista, a princípio?

AG- Não. Não teria porque é o que eu estava dizendo para vocês: a gente está hoje num ponto em que a gente está começando a olhar a onda mais ou menos assim de frente, entendeu? Ou seja, a gente ainda não passou desse ponto. Então a gente ainda tem que crescer um bocado. A gente ainda tem que desenvolver uma série de metodologias para ter possibilidade de buscar isso. Agora, esse processo está acontecendo enquanto Bio-Manguinhos. A gente está sofrendo uma reestruturação muito grande em Bio-Manguinhos dessas áreas de desenvolvimento tecnológico. A gente tem alguns projetos bastante ousados e interessantes em termos de desenvolvimento de vacinas, está certo? E os reativos vêm...

WH- Promovida pelo Departamento...

AG- ...de Desenvolvimento Tecnológico.

WH- A gente não falou nele. Eu queria ter te perguntado.

AG- Mas vocês vão conversar sobre ele com o Dr. Geraldo Armôa, com o Dr. Maurício Andrade, Dr. Marco (*inaudível*), com as outras pessoas que vão realmente ter elementos para conversar com vocês até melhor sobre isso. Mas eu só queria dizer o seguinte: que o reativo está meio que entrando nesse processo, porque nessa reestruturação que está se dando e que está se dando, inclusive, em termos de estrutura física, de estrutura organizacional da unidade, a gente está abrindo um espaço e tentando trabalhar uma coordenação. Dentro da coordenação de desenvolvimento tecnológico uma das áreas seria a de reativos para diagnóstico. Porque a gente, hoje, já se considera capaz, pelo menos, de esboçar ou começar alguns projetos de fato, de desenvolvimento tecnológico na área de reativos para diagnóstico. Então as coisas estão andando, e eu sou extremamente favorável a essa questão de patenteamento.

WH- Tem muita demanda?

AG- De produtos e processos.

WH- Tem muita demanda interna? Voltamos um pouco a falar dos pesquisadores, de: “Olha, eu desenvolvi esse produto aqui! Será que dá para gente pensar em...”, “Olha, não dá!”, “Dá!”, e chamados assim, para vocês, avaliarem isso?

AG- Não. Mais ou menos. Mais ou menos. Já houve mais. Agora a gente já usou mais ou menos o espaço que a gente tinha, está certo? Ou que tinha de potencial e que a gente poderia aproveitar e hoje eu considero que a gente está mais ou menos num equilíbrio. Hoje, agora, os desenvolvimentos são de... Não tem mais essa coisa do foi feito lá e vem para cá. Não. Agora as coisas têm que acontecer junto. Entendeu? “Vamos fazer juntos?” Aí sim, a coisa se dá! É mais nesse sentido.

WH- Bom. Terminamos, não é?

AG- É. (*pausa na gravação*) Por fim então, eu, Antônio Gomes Ferreira d'ô esse depoimento para Fundação Oswaldo Cruz, demorado e que tive o prazer em colaborar junto a essas simpáticas analistas da Casa de Oswaldo Cruz.